

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA**

KAROLINE FIN

**AS MULHERES DO CONTESTADO: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA
LITERATURA INFANTIL**

FLORIANÓPOLIS, 2016

KAROLINE FIN

**AS MULHERES DO CONTESTADO: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA
LITERATURA INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Rosa Rodrigues

FLORIANÓPOLIS – SC

2016

KAROLINE FIN

**AS MULHERES DO CONTESTADO: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA
LITERATURA INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Rosa Rodrigues

Banca Examinadora:

Orientador: _____
Professor Dr. Rogério Rosa Rodrigues
ProfHistória/UDESC

Membros: _____
Professor Dr. Paulo Pinheiro Machado
PPGH/UFSC

Professora Dra. Núcia Alexandra de Oliveira
ProfHistória/UDESC

Suplente: _____
Professora Dra. Luisa Tombini Wittmann
ProfHistória/UDESC

Florianópolis, 08 de novembro de 2016.

À minha família, em especial a minha mãe, Marinete, pelo apoio contínuo e irrestrito, e a minha irmã Gracielle, pelos inúmeros puxões de orelha e cobranças sempre muito pertinentes.

Ao meu amor, Leandro, que mesmo antes de ser meu amor já acompanhava essa jornada com valiosas dicas, revisões e bons-dias às segundas-feiras.

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros e maiores agradecimentos são a minha mãe Marinete e a meu pai Isaías, que em nenhum momento duvidaram da minha capacidade de alcançar os objetivos aos quais me propus e que me incentivaram, mesmo sem saber, em toda minha trajetória.

Ao meu amor, Leandro Moraes Nunes, pelos bons-dias, revisões, dicas, incentivos, madrugadas em claro e leituras infindas dos textos. E pela paciência nos muitos momentos de crise e choro.

Às minhas irmãs, Gracielle e Francielle, pelos puxões de orelha e cobranças.

Às minhas avós, pelo infinito amor e dedicação, e por me deixarem dormir nos meus horários invertidos de pesquisa e escrita.

À minha turma de ProfHistória, que mesmo de longe ainda se preocupava comigo e que foi fundamental para que eu conseguisse concluir este curso, seja pelas leituras em conjunto e pelo apoio mútuo nos momentos de dificuldades teóricas, ou pelas muitas noites em hotéis e pousadas e nas idas e vindas pela ilha, nossas histórias não serão esquecidas e as amizades continuarão por muito tempo.

A minha grande amiga Juliana Rafael Ribeiro, por ter topado entrar nesse projeto, pelo belíssimo trabalho realizado e por ser essa pessoa maravilhosa que é.

Ao meu orientador Professor Dr. Rogério Rosa Rodrigues pela infinita paciência nas minhas ausências e por não ter desistido de mim e do meu projeto. Pelo incentivo em pesquisar uma temática da qual eu tinha tanto receio e pela valiosíssima ideia da produção do livro de Literatura Infantil, que é a menina dos olhos desta dissertação.

Às professoras e professores do ProfHistória-UDESC e UFSC, e do PPGAS-UFSC pelas experiências compartilhadas e pelos exemplos primorosos de profissionais que são. Os conhecimentos adquiridos em suas aulas me tornaram não apenas uma profissional melhor, mas um melhor ser humano.

À Fundação CAPES pela bolsa recebida durante o curso, sem a qual esse mestrado não teria sido possível.

E, finalmente, às mulheres do Contestado, das quais sou herdeira, que com sua luta e perseverança marcaram a história da minha região e do meu país. Que suas histórias sempre sejam lembradas e contadas.

Reflexões sinais, a quem compete fazê-las?
Acreditamos que a mim, a você, a eles e a todos.
Por quê?
Porque ensino e História dizem respeito a todos nós.
História tem identidade e tem memória.
Que homem vive fora da História?
Que homem deixa de ensinar?
Ficam então as questões.
Mas por que.
Nem sempre se tem a consciência da pertença?
Nem sempre se consegue ler os acontecimentos?
Nem todos se apropriam do saber?
Nem sempre se divulga o saber?
Nem sempre se facilita a circulação do saber?
Nem sempre se define o que é História?

O que leva a reproduzir?
Por que a produção é restrita a alguns?
Por que leituras diferentes do mesmo produto?
Por que é tão difícil ensinar História?
Por que a História incomoda, aliena, revoluciona?
Qual o sentido da História?

Ensinar História é caminhar numa linha de tempo,
Com durações e cortes diversos.
Ensinar História é estruturar identidades.
Ensinar História é também produzir conhecimento.
Ensinar História é processo de alteridade.
Ensinar História é aprender com o plural e o singular.
Ensinar História é conceber absolutos e relativos.

História, saberes em construção.
Rupturas, lugar de utopias e reconstruções.
Busca de semelhanças e diferenças.
Vida, lugar de produção. (NIKITIUK, 2012, p. 23-24)

RESUMO

Este trabalho propôs-se a elaborar o livro de literatura infantil intitulado “O dia em que viajei no tempo” que possui como personagens de destaque as mulheres comuns que poderiam ter vivido na Cidade Santa de Taquaruçu e, que possa ser utilizado como um dispositivo didático para o aprendizado histórico do Movimento do Contestado nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental. Neste sentido procurou-se realizar a presente pesquisa que se subdivide em duas perspectivas diferentes, porém, complementares. Num primeiro momento efetuou-se uma breve análise de parte da historiografia existente sobre o Movimento do Contestado, dando ênfase às obras publicadas pelo historiador de farda, com destaque para a publicação de Dermeval Peixoto “A Campanha do Contestado” (1920), destacando a mesma como fonte desencadeadora da narrativa aqui proposta, nesta obra foram buscadas as personagens e histórias que sustentam a narrativa literária que surgiu como produto final da pesquisa. Ainda dentro do debate específico sobre o Contestado foram analisadas quatro obras de caráter literário com o objetivo de mapear quais influências as mesmas sofreram da historiografia existente sobre o Contestado, como foram construídas as suas narrativas históricas e de quais recursos as/os autoras/autores se utilizaram para representar as populações locais em especial as mulheres comuns. O segundo momento da pesquisa voltou-se à compreensão da literatura infantil enquanto gênero literário e das possibilidades de sua utilização como ferramenta na construção dos diferentes níveis de consciência histórica. Buscou-se também demonstrar a viabilidade da utilização da narrativa literária desenvolvida no que se refere aos conceitos de fato, sujeito e tempo histórico propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História no Ensino Fundamental (BRASIL, 1997). Tendo por base esse documento esmiuçou-se a narrativa literária construída buscando na mesma os pontos de suporte para o aprendizado histórico focando-se os conceitos já citados. Por ser uma pesquisa propositiva a construção do dispositivo didático assumiu um caráter central nos esforços empreendidos, o livro “O dia em que viajei no tempo” é composto pela narrativa propriamente dita, que tem como narradoras a menina Mariana e sua avó Cecília, em seguida propomos questionamentos sobre assuntos que, embora não sejam esmiuçados no decorrer da narrativa literária, podem auxiliar às/os leitoras/leitores a compreender o contexto do Movimento do Contestado e da Cidade Santa de Taquaruçu, este segundo momento também foi pensado para auxiliar as/aos docentes quando da utilização do material em sala de aula, encerrando temos uma sessão de Referências e indicações de outros materiais e locais onde se pode conhecer mais sobre o assunto.

Palavras-chave: Movimento do Contestado. Literatura Infantil. Ensino de História.

RESUMEN

Este trabajo propone la elaboración de un libro de literatura infantil titulado “El día en que viaje en el tiempo” y pose como personajes a destacar las mujeres comunes que pudieron haber vivido en la ciudad Santa de Taquaruçu y que puede ser utilizado como un dispositivo didáctico para el aprendizaje histórico de la movilización del contestado en las primeras etapas de la enseñanza fundamental. En este sentido se busca realizar la presente investigación que se subdivide en dos perspectivas distintas, sin embargo, complementares. En un primer momento se efectuó un breve análisis de la parte historiográfica existente sobre el movimiento del contestado, dándole énfasis a las obras publicadas por los historiadores en uniforme como destaque a la publicación de Dermeval Peixoto “La campaña del contestado” (1920), destacando la misma como la fuente que desencadenó la narrativa aquí propuesta, en esta obra fueron buscados los personajes e historias que sostienen la narrativa literaria que surgió como producto final de la investigación. Aún dentro del debate específico sobre el contestado fueron analizadas cuatro obras de carácter literario con el objetivo de mapear cuales fueron las influencias que las mismas sufrieron de la historiografía existente sobre el contestado, como fueron constituidas sus narrativas históricas y que recursos los autores utilizaron para representar las poblaciones locales en especial las mujeres comunes. El segundo momento de investigación busca la comprensión de la literatura infantil en cuanto a género literario e de las posibilidades de la utilización de la narrativa literaria desarrollada en lo que se refiere a los conceptos de hecho, sujeto y tiempo histórico propuestos por los Parámetros Curriculares Nacionales para la enseñanza de la historia en la Enseñanza Fundamental (Brasil 1997). Teniendo como base estos documentos se desmenuzó la narrativa literaria construida buscando en las mismas los puntos de soporte para el aprendizaje histórico enfocando en los conceptos ya citados. Por ser una investigación propositiva la construcción del dispositivo didáctico asumió un carácter central en los esfuerzos emprendidos, el libro “El día en que viaje en el tiempo” está compuesto por la narrativa propiamente dicha que tiene como narradores la niña Mariana y su abuela Cecilia, en seguida se proponen cuestionamientos sobre asuntos que aunque no sean desmenuzados en el desarrollo de la narrativa literaria pueden auxiliar a los lectores a comprender el contexto del movimiento del contestado y de la ciudad Santa de Taquaruçu, este segundo momento también fue pensado para auxiliar a los docentes sobre la utilización del material en el aula, para terminar tenemos una sección de referencias e indicaciones de otros materiales y locales donde se puede conocer mas sobre el asunto.

Palabras clave: Movimiento del Contestado. Literatura infantil. Enseñanza de Historia.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 | CONTESTADO (S)..... | 13 |
| 2.1 | HISTORIOGRAFIAS..... | 14 |
| 2.2 | AS MULHERES D'A <i>CAMPANHA DO CONTESTADO</i> | 20 |
| 2.3 | NARRATIVAS..... | 26 |
| 3 | HISTÓRIA E LITERATURA..... | 36 |
| 3.1 | ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A LITERATURA INFANTIL..... | 36 |
| 3.2 | LITERATURA, HISTÓRIA E APRENDIZADO..... | 40 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| | REFERÊNCIAS..... | 53 |
| | ANEXOS..... | 58 |

“É provocando o cânone, é saindo do comodismo de se adequar àquilo que está consagrado que novos terrenos se descobrem, que novos campos se abrem para o trabalho do historiador. ”
(ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 13)

1 INTRODUÇÃO

Provocar cânones, quebrar com as amarras impostas pelas pesquisas históricas já consagradas, investigar novas áreas de interesse, é quando exploramos outros campos e outras possibilidades que realmente descobrimos os limites da ciência que nos propomos a construir, e então, os desafiamos, rompemos e criamos novos horizontes. É caminhando em busca destes novos horizontes que apresentamos a presente pesquisa que procura nos entrelaçamentos da História com a Literatura um caminho possível para o Ensino da História baseando-o em linguagens pouco utilizadas. Ela propôs-se a construir, com base nos debates já postos sobre o Movimento do Contestado, um meio alternativo para o ensino e para a leitura do mesmo, sendo este, um livro de literatura infantil que tem como cenário a Cidade Santa de Taquaruçu, atual comunidade de Taquaruçu de Cima no município de Fraiburgo - SC, e como personagens de destaque as mulheres comuns que poderiam ter vivido neste local à época da sua organização e destruição.

As histórias sobre o Contestado já contadas de diferentes formas e com diversas ênfases ainda são pouco discutidas no âmbito do ensino. Apesar de serem temáticas recorrentes no campo historiográfico nacional, quando se busca pesquisas na área do ensino pouco ou quase nada se encontra. Da mesma forma, elas não ganham grande destaque nos materiais didáticos e paradidáticos disponíveis no mercado editorial brasileiro¹. Torna-se urgente, portanto, que pesquisas nesta área sejam desenvolvidas. De igual modo, é preciso que se pesquise com maior intensidade a presença e relevância da participação das mulheres neste movimento, não apenas nas figuras das lideranças, mas na própria organização e sustentação das Cidades Santas. Estas insuficiências, tanto em relação às mulheres, quanto em relação ao ensino, são os fios condutores do trabalho que nos propusemos a realizar.

¹ Foram encontradas quatro narrativas que condizem minimamente com o proposto por esta pesquisa e que serão analisadas no decorrer do texto dissertativo, são as publicações que seguem: CONCEIÇÃO, Eleutério Nicolau da. Histórias de Santa Catarina – A Saga do Contestado. KAISER, Jakzam. Guerra do Contestado – A revolta dos caboclos no sertão catarinense. LIMA, Soeli Regina; ANTUNES, Marli. A Guerra do Contestado em Sala de Aula. SUCHARSKI, Alexandre Farber; SUCHARSKI, Rafael Farber. Conte o Estado: a guerra do Contestado. (Referências completas ao final do texto)

Pensando nestas características escolheu-se por desenvolver a pesquisa em duas frentes distintas, porém complementares. Em um primeiro momento apresentam-se as construções historiográficas sobre o Movimento do Contestado, desde as primeiras obras lançadas pelos historiadores de farda nos anos subsequentes ao conflito armado (RODRIGUES, 2008), até as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos em suas novas abordagens sobre as fontes (MACHADO, 2004; ESPIG, 2007). A partir deste debate focou-se o trabalho no esmiuçamento da fonte selecionada, o livro de Dermeval Peixoto “A Campanha do Contestado” (1920)², no qual foram buscadas e encontradas as presenças e ausências das mulheres comuns da região contestada. Levando-se em consideração o objetivo traçado para o presente trabalho, que é a construção de uma narrativa em formato de literatura infantil sobre o Movimento do Contestado e suas personagens, buscou-se na sequência do texto realizar uma análise sobre quatro obras que abordam a temática de maneira diferenciada (CONCEIÇÃO, 2012; KAISER, 2014; LIMA & ANTUNES, 2010; SUCHARSKI & SUCHARSKI, 2015).

No segundo momento apresenta-se um breve histórico sobre o surgimento e desenvolvimento da literatura infantil enquanto gênero literário, seguido de uma reflexão sobre o Ensino de História e as possibilidades de aprendizado histórico que podem ser vislumbradas a partir da utilização de recursos narrativos diversos (ZAMBONI & FONSECA, 2010; RUSEN, 2010; SIMAN, 2005). Além disso, debateu-se alguns pontos conceituais do dispositivo didático desenvolvido, o livro de literatura infantil intitulado “O dia em viajei no tempo”. É neste momento do trabalho que se busca apresentar as potencialidades didáticas da narrativa de ficção histórica voltada para crianças, analisando para tal o livro construído no decorrer da pesquisa. É também a partir deste momento que se estabelecem conexões mais diretas entre o Movimento do Contestado e o Ensino de História, partindo-se de um direcionamento voltado para o ensino de História nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997). As linhas de trabalho escolhidas apesar de parecerem desconexas, ou difusas,

² A fonte em questão foi selecionada dentre as disponíveis na historiografia militar sobre o Contestado. Ela foi escolhida por sua abrangência, visto que o autor preocupou-se em narrar não apenas os acontecimentos que vivenciou em seu período no teatro de operações, mas também, os anteriores, tendo realizado um grande levantamento de dados e estudo histórico sobre a região em questão, além disso, sua narrativa destaca-se por ter um direcionamento literário e não apenas de relato historiográfico. Podemos destacar também como um dos pontos decisivos para a escolha da fonte a sua disponibilização on-line no dossiê “Guerra do Contestado – 100 anos (1912/16-2012)” do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (<http://cpdoc.fgv.br/contestado>).

foram para esta pesquisa como as margens de um rio, que por menor ou maior que seja necessita de ambas, nas suas proximidades e distâncias, para manter-se em seu curso.

As pesquisas no campo da História, por mais amplas que possam parecer, carecem sempre de motivos, razões de ser, e não apenas aquelas que percebem no campo historiográfico as ausências e áreas a serem estudadas, mas também aquelas que nos movem enquanto seres inquietos que buscam respostas para seus próprios questionamentos. Não há pesquisa histórica sem a figura da/do historiadora/historiador, não há aula de História sem alguém que faça as vezes de professora/professor. Buscamos durante muito tempo nos tornar invisíveis diante de nossas pesquisas, imparciais até, sabemos hoje que isso é praticamente impossível. Falar sobre Ensino de História sem vivenciar as realidades das salas de aula e das escolas é como tentar falar das estrelas olhando apenas para o chão. Quanto mais próximas/próximos as/os pesquisadoras/pesquisadores estiverem dos seus objetos de pesquisa, mais ricas, intensas e profundas essas pesquisas serão, ao contrário do pretensão distanciamento que a ciência histórica já buscou, o ensino não pode ser realmente compreendido sem a vivência.

O programa de Mestrado Profissional em Ensino de História vem, portanto, unir estas duas esferas, que em realidade são indissociáveis, a Universidade e a Escola. Visto que, não apenas há pesquisas valorosas que precisam chegar às nossas salas de aula, mas, principalmente, existem inúmeros bons trabalhos e pesquisas que são desenvolvidas em âmbito escolar e que ainda não recebem o devido reconhecimento e divulgação. Do mesmo modo, precisamos ainda nos colocar, enquanto docentes de História, em posição de ação e não apenas de passividade frente as pesquisas que são realizadas sobre a nossa realidade e sobre os materiais que nos são fornecidos. Este programa de mestrado e os trabalhos que resultarão do mesmo são caminhos para reformularmos nossas maneiras de pensar e agir frente ao nosso campo de ação e as múltiplas possibilidades que ele nos fornece.

Deixar em evidência o Movimento do Contestado e, também as suas personagens, em uma pesquisa de mestrado voltado ao ensino, é, portanto, uma possibilidade que não se pode desperdiçar, afinal, pode abrir caminhos para pesquisas futuras relacionadas à temática, e deve servir de incentivo a outras/outros pesquisadoras/pesquisadores. Da mesma forma o dispositivo didático desenvolvido pode ser um exemplo para o desenvolvimento de outras produções. A partir dessas

motivações e desejos desenvolveu-se um trabalho que possui como foco norteador não apenas a divulgação por meio da literatura infantil do Movimento do Contestado, mas que, a partir da história de personagens comuns, possa articular as experiências das populações locais do Contestado na época dos conflitos, com questões postas hoje, como aquelas relacionadas às discussões de gênero e a visibilidade das mulheres enquanto personagens históricos de relevância.

“A tarefa dos historiadores não é profetizar a história. Enganaram-se eles com tanta frequência ao aventurar-se a tal exercício que acabaram se tornando prudentes” (CHARTIER, 2002, p. 9).

2 CONTESTADO (S)

O trabalho historiográfico deve sempre buscar inovar. Esta afirmação pode parecer contraditória, afinal, a História estuda o passado. Como pode a pesquisa histórica “inovar”? Ora, sempre que uma/um historiadora/historiador propõe novas questões e abordagens às fontes disponíveis, essa ciência se renova, e, de diversas maneiras, inova. Considerando-se também que cada geração vivencia a História de maneira diferente, percebe-se que o presente altera a perspectiva do olhar que lançamos ao passado, assim como os desafios propostos pela contemporaneidade fazem com que se busque na História soluções possíveis ou, ao menos, um entendimento mais amplo sobre os mesmos.

Partindo, portanto, do pressuposto mais amplo possível de que o conhecimento sobre o passado pode nos ajudar a compreender o momento no qual vivemos, podemos afirmar, sem muito receio, que para compreender a realidade das populações dos estados de Santa Catarina e do Paraná, principalmente aquelas que vivem na fronteira entre estes dois estados e nas áreas subjacentes da região meio-oeste, é necessário que se conheça a História do Movimento do Contestado. Obviamente esse movimento social não se restringe apenas a esta região, pode e deve ser analisado dentro de seu contexto nacional e internacional, é inegável, porém, que suas heranças diretas ainda são sentidas na região onde se desenvolveu o conflito social e sua violenta repressão.

Mais que o conflito armado que se desenrolou entre os anos de 1912 e 1916, o Contestado é um movimento social multifacetado. Da questão de limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná, passando pela instalação da ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul, pela expropriação de terras das/dos caboclas/caboclos³, pelas tramas político-sociais estabelecidas na região entre os mandões e a população local,

³ Utilizar-se-á a palavra “caboclo” ou “cabocla” no sentido em que esse termo é proferido na região do Contestado, sendo referência aos habitantes pobres, principalmente do meio rural. “Embora não haja uma conotação étnica nesta palavra, frequentemente o caboclo era mestiço, muitas vezes negro. Mas a característica principal desta palavra é que distingue uma condição social e cultural, ou seja, são caboclos os homens pobres, pequenos lavradores posseiros, agregados ou peões que vivem em economia de subsistência e são devotos de São João Maria. Desta forma, havia também brancos caboclos, alemães e polacos acabocladados” (MACHADO, 2004, p. 48, nota 3).

até o fenômeno religioso que se desenvolveu em torno dos monges. Não há como trata-lo de forma simples ou defini-lo de maneira exata, cada pesquisa e cada abordagem dada a este acontecimento vai se utilizar de definições várias para referir-se ao mesmo.

2.1 HISTORIOGRAFIAS

Um trecho legível de uma carta encontrada junto ao corpo de um rebelde lê-se “Nois não tem direito de terras, tudo é pras gentes da Oropa” (ASSUMPÇÃO, 1917, p. 245 apud MONTEIRO, 1974, p. 46). O Contestado foi visto durante muito tempo como um movimento social alienado pelas crenças messiânicas e milenaristas, o trecho citado acima pode nos demonstrar o contrário, que os habitantes desta vasta região entre os estados de Santa Catarina e do Paraná possuíam uma noção bastante clara da realidade na qual viviam. Através das constantes releituras das fontes realizadas pelas pesquisas desenvolvidas nos últimos anos, buscou-se superar esta visão de alienação imposta aos participantes do movimento. Segundo Monteiro (1974) e Machado (2004) esta visão recorrente nos primeiros trabalhos sobre o mesmo, começou a ser alterada em especial a partir das publicações de Maria Isaura Pereira de Queiróz, *La guerre sainte au Brésil: le mouvent messianique du Contestado*, tese de doutorado defendida em 1955 e publicada em 1957, que traça um estudo sociológico sobre as manifestações messiânico-milenaristas ocorridas, focando principalmente nos mitos e crenças das/dos caboclas/caboclos.

Ainda pensando o Contestado através de um viés sociológico, temos a obra de Maurício Vinhas de Queiroz, *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado*, tese que reconstrói a história do conflito armado e que reúne um grande acervo documental e de depoimentos colhidos pelo autor em duas viagens realizadas à região entre os anos de 1954 e 1961, publicado pela primeira vez em 1966, ele aponta como principais causas do conflito popular a expropriação das/dos caboclas/caboclos de suas terras pelos coronéis, chefes políticos da região, e a ausência do Estado, tanto como instituidor da justiça, quanto como fornecedor de condições sociais mínimas à população local. Para Vinhas de Queiroz (1977), porém, a revolta popular não possuía um cunho político definido, principalmente pelo fato do discurso ser predominantemente religioso.

Outra pesquisa que merece destaque é a de Duglas Teixeira Monteiro, *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*, de 1974, que, de certa forma complementa os dois estudos anteriores, pois também está preocupado com as dinâmicas sociais e culturais do conflito. O autor defende a tese de que o despedaçamento da estrutura social que existia ocorreu, principalmente, pela quebra dos laços de compadrio entre os coronéis da região e as/os caboclas/caboclos, e que a quebra desses laços se deu em consequência das mudanças sociais e econômicas ocorridas no Brasil à época. Desta forma, as manifestações religiosas, focadas na figura dos monges, e as ações de repúdio a ordem estabelecida, representavam um meio altamente elaborado e complexo encontrado pela população de responder a essas mudanças (MONTEIRO, 1974).

Podemos traçar um quadro de obras básicas de referência sobre o assunto, incluindo a tese defendida por Paulo Pinheiro Machado em 2001 intitulada *Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916*, que deu origem ao livro *Lideranças do Contestado: formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)* publicado em 2004. O autor mantém o foco na formação e atuação política das/dos líderes caboclas/caboclos e questiona as obras anteriores que viam o movimento como alienado. Apesar da abordagem inédita em relação à temática, que apresenta a importância das lideranças locais na história do Contestado, ela não invalida as anteriores, visto que é imprescindível levar em consideração as manifestações religiosas ocorridas na região.

Pinheiro Machado (2004) propõe uma discussão profícua já na introdução de seu livro, nela ele elabora um panorama sobre as diferentes abordagens e os referidos termos utilizados para definir o movimento do Contestado. Partindo de um fenômeno religioso com características messiânicas que teve como figura agregadora o monge José Maria, chegando à demonstração, por discursos e atos das/dos caboclas/caboclos, do desenvolvimento de uma consciência da sua condição de marginalização social e política. Machado aprofunda o debate historiográfico considerando estas duas faces como não excludentes e estabelecendo relações entre as lideranças religiosas e não-religiosas do movimento⁴.

⁴ “Na experiência do movimento social do Contestado, não há como separar com uma linha nítida as lideranças em “religiosas” e “não-religiosas”. Todos os “comandantes de briga”, até o final do conflito, sempre legitimaram seu poder político nos redutos a partir de uma ligação espiritual, manifesta em “sonhos”, “visões” etc. com o monge José Maria e com a contínua assistência de “virgens” e “comandantes de reza”.” (MACHADO, 2004, p. 24)

Concordamos com este autor quando ele analisa o Contestado não apenas pelas suas características messiânicas e milenaristas, mas quando percebe que

Os sertanejos, mesmo adotando o discurso religioso de defesa da “santa religião”, que se converteu numa linguagem usual da rebelião, tinham clareza quanto às forças com as quais estavam lutando. Seus alvos principais foram os chefes políticos locais, os grandes fazendeiros e comerciantes, os especuladores de terras e os interesses estrangeiros na região (a Brazil Railway e a Lumber). O movimento rebelde identificou, desde o início, a marginalização crescente dos caboclos e da gente “de cor”, ao passo que cresciam os privilégios e estímulos à europeização do território planaltino. (MACHADO, 2004, p. 34)

Neste panorama sobre a historiografia construída sobre o Movimento do Contestado, é necessário destacar que antes ainda da publicação da obra de Maria Isaura Pereira de Queiróz em 1957, alguns dos principais trabalhos publicados sobre o Contestado foram as obras elaboradas por militares que estiveram presentes na região durante o conflito armado. Nos vinte anos que seguiram à assinatura do Tratado de Limites entre os estados de Santa Catarina e do Paraná, fato ocorrido em 20 de outubro de 1916, sendo este o marco legal de término do conflito, mais de três mil páginas foram escritas por estes oficiais sobre o desenrolar das ações militares na região do Contestado. (RODRIGUES, 2008)

As obras construídas por eles possuem várias características em comum, além da presença no conflito e das respectivas atuações militares, estes autores buscaram incorporar às suas narrativas uma grande quantidade de fontes primárias, alguns buscaram uma imparcialidade de discurso, atrelando a mesma à veracidade do que escreveram, procurando, também, sempre diferir as suas memórias da História.

A preocupação em entender a lógica dos habitantes do interior do Brasil e apresentar uma proposta de integrá-los à nação também é traço marcante nos *historiadores de farda* do Contestado [...]. Registra-se, por fim, uma tentativa de explicar os fatores responsáveis pela origem e desenvolvimento do conflito que invocava São João Maria e São Sebastião, o que permite identificar uma filosofia da história orientando tais interpretações, além de ser recorrente o diálogo velado ou explícito com o clássico *Os sertões*, de Euclides da Cunha. (RODRIGUES, 2008, p. 108) [grifo nosso]

A categoria “historiadores de farda” criada por Rogério Rosa Rodrigues em sua tese *Veredas de um Grande Sertão: a guerra do Contestado e a modernização do exército brasileiro* defendida no ano de 2008, abrange os oficiais que se dedicam principalmente à história militar, que compartilham uma formação militar vinda das

escolas de formação de oficiais, que não publicam apenas nos espaços restritos ao Exército tendo, portanto, como público alvo mais que os seus pares, e que, por fim, adotam “[...] referenciais teórico-metodológico-científicos compartilhados pelos intelectuais “civis” na construção de suas obras” (RODRIGUES, 2008, p. 106).

Dentre os historiadores de farda que escreveram sobre o Contestado podem-se listar:

- Antonio Alves Cerqueira – Capitão Médico do Exército⁵ – que publicou em 1936 o livro *A jornada de Taquarussú: feito guerreiro*.
- Ezequiel Antunes de Oliveira – 1º Tenente – que publicou *O Contestado entre Paraná e Santa Catarina: Gênese do fanatismo e a lenda do monge. Origens da rebelião, causas determinantes e seus desastres*, texto resultante de conferência proferida pelo mesmo no Instituto Histórico e Geográfico do Pará e lançado em 1918.
- José Octaviano Pinto Soares – 2º Tenente – que publica dois volumes intitulados respectivamente *Apontamentos para a história: o Contestado* e *As lutas do Contestado perante a história*, em 1920.
- Herculano Teixeira d’Assumpção – 1º Tenente – que publica dois volumes através da Imprensa Oficial de Minas Gerais denominados *A Campanha do Contestado: as operações da Coluna Sul*, em 1917 e 1918.
- José Vieira da Rosa – Capitão – Possui duas obras inéditas sobre o Contestado, uma publicada no jornal Terra Livre em 1918 chamada *Reminiscências da Campanha do Contestado: subsídios para a história*, jamais editada em livro, e a outra redigida provavelmente durante a década de 1930 sob o título *Memórias*, que possui uma cópia não datada nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.
- Dermeval Peixoto – 2º Tenente – que publica em 1916 o primeiro volume da obra *A Campanha do Contestado: episódios e impressões*. Em 1918 publica o segundo volume, com o mesmo título, ambos sob o pseudônimo de Criveláro Marcial, publicando somente em 1920 um terceiro e definitivo volume da obra, com seu nome verdadeiro (RODRIGUES, 2008)⁶.

⁵ As patentes citadas são as que estes historiadores de farda possuíam no momento em que atuaram no conflito. (RODRIGUES, 2008, p. 108)

⁶ Uma explicação pormenorizada sobre os autores e obras citadas é encontrada no capítulo 2 da tese de Rogério Rosa Rodrigues, a referência completa está arrolada ao final do texto.

É notória a influência que a obra de Euclides da Cunha tem sobre os trabalhos desenvolvidos por estes militares, e, talvez, “[...] o autor que mais tenha se aproximado em sua abordagem do livro *Os sertões* tenha sido o historiador de farda Dermeval Peixoto, isso graças a qualidade da pesquisa que fez, a narrativa crítica e a busca de entendimento da complexidade do movimento”. (RODRIGUES, 2008, p. 137). É para a figura e obra deste último que voltaremos nossas atenções neste momento.

Nascido no Rio de Janeiro de 1884, Peixoto ingressou na Escola Preparatória e de Tática do Realengo aos dezesseis anos de idade. Em 1902 começou a servir como soldado na Fortaleza de Santa Cruz, onde assumiu o posto de sargento em 1903 e exerceu a função de amanuense⁷. Ainda neste ano retornou à Escola de Realengo, tendo participado junto com seus colegas da revolta militar que tentou depor o então presidente Rodrigues Alves em 1904. Em virtude desta atitude acabou preso e expulso em novembro do mesmo ano. Antes, porém, que o primeiro ano de sua expulsão e dos demais envolvidos se completasse, Rui Barbosa reverteu a situação aprovando uma lei que anistiava os amotinados da Escola Militar. Voltando aos quadros do Exército, realiza sua formação de oficial na Escola de Guerra de Porto Alegre. É promovido a segundo-tenente em 1911, “a promoção a primeiro-tenente viria em 1918, a capitão, em 1922, a major, em 1930, e a coronel, em 1937. [...] O generalato foi conquistado em 1942 (brigada) e 1944 (divisão)” (RODRIGUES, 2008, p. 142).

Peixoto chega à região do Contestado como segundo-tenente em setembro de 1914 na Expedição comandada pelo general Setembrino de Carvalho.

A julgar pelo repentino aparecimento do livro *Campanha do Contestado* (1916), é possível afirmar que Peixoto tenha iniciado sua escrita no campo de batalha. O tempo em que permaneceu no teatro de operações – de setembro de 1914 a abril de 1915 –, dedicou-se a recolher fontes sobre o movimento, tomando depoimentos dos prisioneiros e fazendo levantamento nos arquivos locais. Sua obra é a mais apurada em termos de pesquisa e um dos relatos mais completos, entre os escritos por militares sobre o assunto. [...] Peixoto propôs-se a escrever uma obra sobre toda a Guerra, mesmo as batalhas em que não esteve presente. Para cumprir tal proposta, fez estudo profundo sobre a história da região contestada e foi implacável na denúncia da situação verificada na região, culpando, principalmente, os mandões políticos pela eclosão do movimento rebelde. (RODRIGUES, 2008, p. 143-144)

⁷ O dicionário Michaelis Online define “Amanuense” como sendo 1. Empregado de repartição pública, encarregado geralmente de fazer cópias, registros e alguma correspondência oficial. 2. Escrevente, copista, secretário.

No decorrer da obra o autor tece duras críticas tanto aos comandantes militares, quando às suas estratégias. Além de também criticar a empresa *Brazil Railway Company*, pelos serviços que prestava às Forças Armadas. Apesar de sua interpretação sobre os motivos que causaram o conflito no Sul não diferirem da visão militar, ela estava mais próxima daquela compartilhada pelos intelectuais da época do que da de seus colegas de farda. Peixoto acreditava que cabia ao Exército a defesa nacional e que o conflito no Contestado havia realmente necessitado de intervenção federal, porém, reconhecia também que havia culpa na atuação dos políticos locais e na exploração exacerbada da empresa norte-americana estabelecida na região. (RODRIGUES, 2008)

O grande diferencial percebido pelo autor frente as manifestações religiosas dos ditos “fanáticos” do Contestado e as demais manifestações religiosas presentes nos sertões brasileiros estaria no papel desempenhado pelas elites locais, principalmente nas figuras dos coroneis. Peixoto reconhece que as disputas entre os estados de Santa Catarina e Paraná pelas terras da região tiveram um peso significativo para a deflagração do conflito armado, apesar de creditar também essa particularidade à ambição dos mandões políticos locais. (RODRIGUES, 2008)

As obras desta primeira geração da historiografia do Contestado, vão muito além de relatos de participantes diretos do conflito, eles são monumentos, no sentido discutido por Le Goff (2003)

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

Segundo Márcia Janete Espig (2007) “esse documento/monumento – mentira e verdade ao mesmo tempo, montado e preservado por interesses variados – deve ser desmistificado, interrogado e visto como produto, de uma época, de um indivíduo, de um grupo” (p. 203). Os livros produzidos pelos historiadores de farda foram

utilizados incansavelmente pelas gerações seguintes de historiadores, variando, porém, seu uso e sentido.

Se alguns analistas as utilizaram acriticamente, como mera fonte de dados “objetivos” sobre o conflito, atualmente a tendência aponta para uma análise mais refinada dessas fontes. Tenta-se desvendar os determinantes que agiram sobre os autores, examinando sua cultura ou mesmo seu preconceito, filtros que, em alguns momentos, levarão inclusive a distorções na informação. Entretanto, mesmo a sugestão de superioridade cultural conduz os textos, em alguns casos, a uma descrição quase antropológica dos fenômenos (Espig, 2002, p. 76-77). Temos, portanto, uma riqueza considerável, que exigirá uma leitura atenta, teórica e metodologicamente orientada. (ESPIG, 2007, p. 205-206)

É buscando esta nova tendência de análise de uma fonte já extensamente utilizada pela historiografia do movimento do Contestado que desenvolveremos o próximo tópico

2.2 AS MULHERES D'A CAMPANHA DO CONTESTADO

Analisando o campo historiográfico que abrange as pesquisas sobre o Contestado nota-se uma carência quando se buscam trabalhos relacionados à presença das mulheres no movimento. Existem pesquisas voltadas às lideranças femininas⁸, e também às “virgens”⁹, mas a figura da mulher cabocla, que participou do conflito sem necessariamente destacar-se individualmente ainda está por ser realizada. Não é o objetivo do presente trabalho elaborar uma pesquisa extensiva sobre essas personagens, pode-se considera-la quem sabe, um primeiro passo para tal.

Ainda que encontremos menções a essas mulheres comuns dentro das obras de referência e das fontes existentes, buscá-las nos materiais disponíveis às/aos estudantes é missão praticamente impossível, elas não fazem parte do escopo de indivíduos que figuram nos rápidos textos sobre o Contestado existentes nos materiais

⁸ Teodora, durante algumas semanas em Taquaruçu; Chica Pelega, figura lendária que supostamente atuou na defesa de Taquaruçu durante o segundo ataque à cidade santa; e Maria Rosa, liderança na cidade santa de Caraguatá e uma das líderes em Bom Sossego. (MACHADO, 2004)

⁹ “O monge José Maria se fazia acompanhar de um séquito delas para auxiliá-lo nas rezas, nas pregações e no preparo de chás homeopáticos. As “virgens” eram escolhidas por ele e pelas lideranças dos Redutos – ou Cidades Santas – entre aquelas que manifestavam piedade e pureza de alma. Não precisavam ser virgens no sentido biológico, pois havia entre elas mulheres casadas. Mas as que mais se destacaram eram adolescentes. A proximidade com o monge lhes dava respeitabilidade e poder junto à comunidade. Na ausência do líder religioso, assumiam o papel de videntes [...]” (TONON, 2012, s/p).

didáticos comumente utilizados. É também pensando nestas ausências que este trabalho se constrói.

Tendo como fonte de pesquisa o livro escrito por Dermeval Peixoto, *A Campanha do Contestado*, buscamos encontrar referências a estas mulheres comuns. Tendo em vista que a referida obra foi escrita por um militar no início do século XX seria admirável que houvessem longas citações ou referências a estas personagens, porém, mesmo que em curtas e rápidas menções, elas estão lá. Roger Chartier (2004) fala sobre esses vestígios com os quais nos deparamos no trabalho historiográfico:

Para desespero dos historiadores, esses vestígios, deixados em papiro ou pedra, pergaminho ou papel, geralmente registram apenas silêncios: os silêncios daqueles que nunca escreveram; os silêncios daqueles cujas palavras, pensamentos ou atos os mestres da escrita julgaram não ser importantes. Apenas em raros documentos, e apesar das traições introduzidas pela transcrição dos escribas, juizes ou homens letrados, os historiadores podem ouvir as palavras dos mortos movidos a contar suas crenças e seus feitos, recordar suas ações ou relatar suas vidas. Quando tais documentos estão ausentes, tudo que os historiadores podem fazer é assumir o paradoxal e formidável desafio de escutar vozes caladas. (CHARTIER, 2004, p. 7-8)

No decorrer da leitura da obra selecionada que se estende por 795 páginas encontramos setenta e três menções às mulheres, contando-se neste número tanto aquelas que fazem parte de relatos secundários (citações e referências feitas pelo autor) e aquelas citadas pelo próprio autor. Em sua maioria estas citações não são mais do que menções a presença de mulheres em um determinado local como nestes excertos

A totalidade dos tres milhares de pessôas apresentadas com procedencia dos reductos debandados, depois das propostas humanitarias do general Setembrino, era de gente inutil: - rostos mumificados de mulheres desgrenhadas, sobraçando innocentes esqueleticos, quasi morrendo a mingua e semi-nús, e de homens inválidos quasi todos, em regra desarmados e dizendo-se innocentes: tinham sido levados a fôrça. (PEIXOTO, 1920, p. 91)¹⁰

[...] No interior do reducto tinham ficado as inconscientes victimas das granadas: – crianças, mulheres e alguns velhos. (PEIXOTO, 1920, p. 159)

Aos primeiros tiros percebeu-se o reboliço nos casebres; eram mulheres e crianças em correria; logo em pouco serenada quando os projectis não alcançavam o objectivo. (PEIXOTO, 1920, p. 618-619)

¹⁰ Optou-se por manter a grafia original da obra.

Encontram-se também referências interessantes com relação à Maria Rosa, liderança feminina que comandou a cidade santa de Caraguatá. Esta menina de apenas quinze anos é uma das poucas mulheres nomeadas na obra de Peixoto, e a única a sê-lo mais de uma vez. Ao total Maria Rosa é nominalmente citada quatro vezes, fora aquelas em que é referenciada como “virgem”. É interessante analisarmos as aparições de Maria Rosa neste livro pois encontramos uma disparidade bastante grande nas formas de tratamento relegadas a ela, vejamos:

A *virgem*, a directora moral dos fanaticos, a moçoila que permanecia occulta na escuridão de um pequeno quarto e só se apresentava para, mancomunada com os espertos exploradores dos infelizes, transmitir as ordens que dizia receber diretamente de José Maria durante seus periodos de videncia, aquella rapariga vidente estava em Santa Maria. Servindo ao talante dos chefes, a tal *virgem* era considerada uma santa que tudo sabia porque lh'a inspirava o Monge que depois de morto só a ella aparecia para transmissão dos vaticinios. Habilmente escolhida, a menina Maria Rosa, com quinze annos talvez, sem saber ler nem escrever, possuindo vivacidade extraordinaria, praticava o embuste convencidamente. Industriada por Elias de Moraes, seu pai¹¹, a rapariga, pallida, rachitica, de olhos pardos pequeninos, percorria os reductos, cavalgando escolhido corsél aperado de arriamento com incrustações de prata; sentada em macio silhão forrado de velludo com franjas berrantes e fitas pendentes, a *virgem* tinha fóros de rainha – era acompanhada pela escolta diabolica dos *Pares de França*. E, pavoneando-se convencidamente, soltos os cabellos castanhos bem tratados, dizendo-se representante da vontade do Monge, de quem ella conhecia os santos desejos, designava os chefes dos reductos, destituia-os dos commandos, sentenciava pennas simples e crueis e escolhia os meninos capazes de entrar nas *fórm*as para a *briga*. A *virgem* era religiosamente acatada. (PEIXOTO, 1920, p. 85-86)¹²

Encontramos tambem n'um bahú de madeira que jazia no interior de uma casa, um complicado vestido da virgem Maria Rosa, a celebre heroina cujo prestigio se irradiava sobre o espírito de todos seus irmãos.

Era branco e todo enfeitado de fitas azues e verdes, sendo além disso complicadamente enfeitado de uma profusão de pennas de passaros de todos os matizes, n'uma profusão de côres raras e vivas. Foi com respeito que conduzimos o estranho e bisarro vestido da virgem para ser entregue ao nosso commandante.

Elle devia exalar o pronunciado perfume dos ninhos selvagens, aquecidos pelas azas dos passaros, n'um requinte de amor inconfundivel, á luz das auroras vibrantes e das tardes tristes.

Nesta mesma casa onde deparamos com o vestido da virgem guerreira, encontramos dois retratos do famoso bandido Aleixo [...] (Trechos da narrativa de um camarada anonymo). (PEIXOTO, 1920, p. 714-715)

¹¹ Dermeval Peixoto equivocadamente nomeia Elias de Moraes como pai de Maria Rosa, na realidade ela era filha de Elias de Souza, chamado de Eliasinho, um lavrador da região da Serra da Esperança. (QUEIROZ, 1977, p. 134)

¹² Todos os grifos em itálico são originais da obra.

A primeira citação é do próprio Dermeval Peixoto, já a segunda é arrolada como nota de rodapé e não possui a autoria revelada. Entre a descrição de Maria Rosa efetuada por Peixoto e a descrição do vestido que se acredita ser dela encontrado pelo soldado anônimo e a sua velada admiração pela mesma, pode-se perceber que mesmo dentro das fileiras do Exército que combateu na região que serviu de palco para o conflito existiam opiniões diversas. De moçoila que praticava embustes mancomunada com os chefes e rapariga “pallida, rachitica, de olhos pardos pequeninos” à “a celebre heroína cujo prestígio se irradiava sobre o espírito de todos seus irmãos” e “virgem guerreira” podemos perceber as distâncias que o discurso pode tomar, ao mesmo tempo em que nos questionamos se as experiências vivenciadas no conflito podem ter uma relação direta com as narrativas que foram efetuadas do mesmo.

Os historiadores de farda eram intelectuais. Como quase todas as outras categorias, eram também representantes do mundo em que viviam. Suas idéias atravessavam as barreiras institucionais, ao imiscuir-se nos debates nacionalistas, políticos e sociais do seu tempo – e não apenas no atinente ao mundo militar –, mas também eram representativas da instituição à qual estavam ligados. As obras dos historiadores de farda são, desse modo, produções situadas numa encruzilhada, pois apontam para várias direções: as trilhas do jornalismo, da história, do oficial do Exército, do literato, do cientista político e do etnógrafo. Uma produção de fronteira, sem dúvida, mas não alheia às demais produções intelectuais do seu próprio tempo. Os historiadores da Guerra do Contestado não mantiveram uma relação sitiada com o Exército, separando os interesses militares dos interesses do Estado; eles estão mais para ideólogos do Estado do que para intelectuais militaristas. (RODRIGUES, 2008, p. 104)

Os historiadores de farda que escreveram sobre o Contestado possuem suas próprias histórias e historicidades e, mesmo que suas produções estejam nas fronteiras de variados campos, as falas da época em que viviam são até certo ponto, esperadas. Para eles, as mulheres comuns da região do Contestado, mesmo tendo pequenas aparições nas obras, não possuíam tanta relevância quanto os homens que participaram do movimento. Elas fazem parte dos silêncios aos quais Chartier (op. cit) nos alerta quando tem suas ações e atividades parcamente mencionadas pelos autores, são citadas como parte integrante do *background* dos eventos, dificilmente são as protagonistas dos mesmos.

Buscando entre esses silêncios encontramos esparsas referências que são bastante interessantes e que representam bem as mulheres do Contestado, como no relato sobre as ações da cavalaria na região de Campos Novos entre fevereiro e

março de 1915, feita “[...] pela imprensa de São Luiz das Missões [...]” (PEIXOTO, 1920, p. 590)

[...] O destemido tenente Antunes com os inimitáveis soldados de São Luiz, destroçou ahi a grande guarda, tomando-lhe um tropa de 65 rezes, um cavallo, duas eguas e cinco muares encilhados, duas clavinas carregadas, um tambor e cinco ponchos, e mandou apresentar ao commandante as jagunças Maria Angelina, viuva, de 60 annos, mulher de compostura e respeito, e regularmente trajada, sua filha Eulalia de Jesus, formosa donzella de 16 annos, bem cuidada e Marianna “bôba”, bôba mesmo, ou antes, imbecil, com um pequenito no collo. Ficaram todas prisioneiras em companhia do commandante Paiva, em vista do temor, aliás infundado, que a velha revelava pela sorte de sua filha n’um acampamento. Maria Angelina era uma “potencia” entre os fanaticos. Mulher de alguma educação e bem arranjada, ella se impusera áquella gente, pelo seu fervor religioso, austeridade e intelligencia.

“E a velha nada informava; mal informava sobre o reducto. Seria melhor morrer com seus irmãos de fé, que viver entre os *pelludos pecadores*, embora bem tratada. (PEIXOTO, 1920, p. 586)

A figura de Maria Angelina, apesar de não ser referenciada pela historiografia¹³, encaixa-se no perfil de mulher do planalto catarinense, que frequentemente “[...] ocupava uma posição de destaque na direção dos sítios e fazendas, tendo em vista as contínuas ausências de seus maridos, envolvidos no tropeirismo [...]” (MACHADO, 2004, p. 80). Não sabemos como o marido de Maria Angelina faleceu, se ele fazia parte da resistência dos caboclos, ou se já havia falecido antes do início dos combates. Talvez nunca saberemos ao certo.

Podemos comparar a figura desta personagem com outra, citada diretamente por Peixoto e nomeada uma vez na obra, que aparece também em outras fontes do período e é figura recorrente nas obras historiográficas de referência, Querubina, esposa de Eusébio Ferreira dos Santos, e avó de Teodora, a primeira criança a ter visões com o Monge José Maria e entorno da qual iniciou-se a formação da segunda Cidade Santa de Taquaruçu. Paulo Pinheiro Machado destaca que

Independente das visões de Teodora, que traziam ligação com o “sagrado”, a autoridade e a liderança de Eusébio entre o povo de Perdizes eram muito fortes. A atuação intensa de sua esposa Querubina, segundo alguns mais “fanática” eu o próprio Eusébio, convidando parentes e famílias ligadas por laços de amizade, vizinhança e compadrio, foi importante para o rápido aumento da população do reduto. (MACHADO, 2004, p. 200)

¹³ Não encontramos nenhuma referência a este episódio nas obras selecionadas.

Após Teodora “perder o aço”¹⁴ quem assume o posto de liderança é Manoel, filho de Querubina e Eusébio, segundo Machado “parece que a opinião de Querubina foi decisiva para Manoel ser escolhido como o novo intermediário entre José Maria e os redutários [...]” (MACHADO, 2004, p. 200). Apesar de não ser descrita com minúcias, a presença de Querubina é marcante, não apenas por ser esposa de Eusébio, um dos líderes da comunidade de Perdizes, mas também por sua influência junto à vizinhança, parentes e amigos. Ela era o que se pode chamar de uma “potência entre os fanáticos” era uma mulher de referência, como a figura de Maria Angelina também parece ser.

Fechando o quadro de amostragem das aparições de mulheres nesta obra, não podemos deixar de mencionar uma das mais emblemáticas citações, que se refere ao segundo e definitivo ataque à Cidade Santa de Taquaruçu, ocorrido em 8 de fevereiro de 1914:

Em meio dos pedaços humanos, estatelada, olhos esgazeados, indiferente áquelle espectáculo horrendo que a cercava, afagando o corpo hirto de um lutador, foi encontrada uma velha. Era uma louca. Nenhum arranhão no corpo da megéra horripilante. Cadaverica, a pobre jagunça, era uma mumia em vida. Era uma *simples*, como por lá se apelidam ás pessoas dementes; sem reacção ella só quis acompanhar a patrulha exploradora quando se lhe mostraram, ao acaso, uma das symbollicas bandeirolas dos fanaticos, a esmo encontrada em abandono no páteo infernal...

Conduzida para o littoral, a infeliz se pavoneava, em sua inconsciencia, com ridiculos adornos, preocupada em acertar os papeis que cobriam, como enfeites, os trapos immundos que vestia. (PEIXOTO, 1920, p. 159-160)

Apesar de não figurar na fonte selecionada uma mulher em específico nos chamou a atenção durante a leitura da bibliografia, é Adúlcia, esposa do major da Guarda Nacional Elias Antônio de Moraes.

Tudo indica que as mulheres dos chefes, Querubina e Adúlcia, desempenharam importante papel na adesão de Elias ao movimento, Relata Alfredo Lemos que Adúlcia disse a Elias: “Nhô Elias, mecê nem sabe como me agradecer o lugar que eu arrumei pra mecê no acampamento do Seu José Maria. Vancê vai ser o comandante geral, porque o compadre Eusébio não pode, por causa da perna [ferimento]”¹⁵. Elias foi ao reduto conversar com Eusébio, a fim de tomar a melhor decisão. Quando voltou ao sítio, não havia

¹⁴ “As virgens de “bom aço” eram as que demonstravam possuir melhores capacidades adivinhatórias. Teodora perderia importância, mas continuaria, como “virgem”, a coadjuvar o trabalho de outras lideranças religiosas e políticas dos diferentes redutos até o final da guerra”. (MACHADO, 2004, p. 200) O mesmo acontece com Maria Rosa, principal liderança dos caboclos na vila santa de Caraguatá, ela “perde o aço” na transição desta para a nova vila de Bom Sossego. (MACHADO, 2004, p. 224)

¹⁵ A citação foi retirada de: LEMOS, Alfredo de Oliveira. A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte da minha vida naqueles tempos: 1913-1916 (dat. Zélia Lemos). Curitiba, 1954, mimeo.

mais ninguém em casa. Adúlcia tinha carregado tudo em cargueiros, reunido todos os filhos e rumado para Caraguatá. Elias voltou ao reduto e assumiu o comando. (MACHADO, 2004, p. 219)

Desde a negação veemente em liberar informações ao exército no caso de Maria Angelina, passando pela influência sobre os vizinhos e parentes com Querubina, até a atitude de Adúlcia de reunir bens e filhos e partir para Caraguatá mesmo sem a anuência do marido, podemos perceber que estas mulheres não tiveram apenas papéis secundários na articulação e organização do Movimento do Contestado. Não apenas na figura das virgens e na de Maria Rosa enquanto liderança, mas também no trâmite de formação e organização das Cidades Santas, as figuras femininas estão presentes, mesmo quando são parcamente citadas pela historiografia e pelas fontes.

2.3 NARRATIVAS

Ler a história como literatura, ver na literatura a história se escrevendo, isto é possível? [...] O trabalho acadêmico contemporâneo tem implicações teóricas bem precisas, abertas pela incerteza geral que preside o campo das ciências humanas em face da derrocada dos modelos explicativos da realidade. Desta incerteza, reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerencia do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginada do real. (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p.9-10)

Várias das narrativas, tanto na esfera historiográfica quanto na literária, construídas sobre o Movimento do Contestado prenderam-se e, em certa medida ainda se prendem, as primeiras obras publicadas pelos historiadores de farda, aos relatos da imprensa da época e aos relatórios disponíveis sobre a atuação do exército brasileiro na região durante o conflito armado, visto que estas fontes possuem um peso grande seja nas nomenclaturas utilizadas, seja na sequência narrativa dos fatos ocorridos.

Quando falamos sobre as obras literárias, apesar de não contar com uma obra como a que Euclides da Cunha escreveu sobre Canudos, há uma significativa quantidade de romances escritos sobre o conflito no Contestado, ou tendo o mesmo como *background* histórico, sendo que podemos encaixá-los no que costumeiramente denomina-se de romance histórico scottiano¹⁶.

¹⁶ Um típico romance scottiano, isto é, que tem como base a obra de Walter Scott, conta com uma estrutura bem definida; um grande pano de fundo (*background*) histórico e um ou outro personagem

Dentre essas obras destaca-se *Geração do Deserto* de Guido Wilmar Sassi, publicado pela primeira vez em 1964. Pode-se afirmar com confiança que esta publicação foi inspiração para outros escritores que escolheram este mesmo palco para seus romances nos anos que se seguiram. Katiúscia Maria Lazarin (2005) elenca pelo menos sete romances escritos sobre o Contestado, enquanto Nilson Thomé (2009) lista onze nesta mesma categoria¹⁷. Apesar de não serem objeto da presente pesquisa, é necessário que se destaque a existência destas obras, visto que são parte importante da construção do imaginário sobre o movimento do Contestado.

Mantendo o foco nas obras de caráter supostamente mais literário que histórico, podemos notar, nas obras publicadas nos últimos cinco anos, que uma importância maior tem sido dada às narrativas visuais, com ilustrações muito bem elaboradas, e, também, à divulgação do movimento do Contestado em diferentes esferas sociais. As bibliotecas das escolas catarinenses, por exemplo, foram contempladas com edições de algumas das obras lançadas neste período. É sobre estas obras que nos deteremos a partir deste momento.

Pensando uma narrativa que abarca todo o movimento do Contestado Eleutério Nicolau da Conceição lançou em 2012 a obra *Histórias de Santa Catarina - A Saga do Contestado*, com texto e ilustrações de sua autoria. O livro se destaca frente as obras publicadas até então pela riqueza das ilustrações, pelo formato escolhido (história em quadrinhos) e pela imponência e beleza da publicação, são 160 páginas encadernadas em capa dura. Estas características postas em conjunto fazem desta obra um dos marcos nas narrativas visuais sobre o Contestado. Contando com um referencial teórico bastante satisfatório¹⁸ o autor destaca no Prefácio que na obra “Foram abordados os principais eventos e personagens que definiram o movimento, em encadeamento lógico e sequenciado. Objetivando descrever um panorama geral coerente e esclarecedor”, destaca também que as principais fontes para o estudo do movimento são os “[...] relatos e interpretações da facção vitoriosa – os militares que dele participaram [...]” (CONCEIÇÃO, 2012, p. X).

histórico bastante conhecido, porém o personagem central e a maior parte dos acontecimentos são ficcionais, embora em alguns casos levem, no fim da obra, a um fato que realmente aconteceu. Quando se fala em “*background* histórico”, vale ressaltar que ele não é secundário, mas constitui uma parte importante e decisiva na ação romanesca. (GATO, 2003)

¹⁷ A lista completa das obras citadas encontra-se em uma sessão específica das Referências arroladas ao final do texto.

¹⁸ O autor elenca ao final do texto a bibliografia consultada para a elaboração da sua narrativa (CONCEIÇÃO, 2012, p. 150)

Percebem-se algumas reminiscências desta primeira historiografia no discurso utilizado pelo autor, como o fato de chamar as cidades santas, ou quadros santos, de “redutos”, denominação utilizada pelos militares para se referirem a elas e que se tornou comum em decorrência da utilização do termo pela historiografia posterior. Além disso, sua obra segue, como já indicado, uma ordem cronológica bem determinada, a narrativa inicia-se com as explicações sobre a “Questão do Limites” entre Santa Catarina e Paraná, passa pela figura dos monges, pela chegada da *Brazil Railway Company* e a instalação da Lumber, até a chegada do Exército, o arrasamento das cidades santas, chegando à assinatura do Tratado de Limites, à prisão de Adeodato e à sua morte na cadeia em Florianópolis.

Apesar da inovação em relação à narrativa visual, o discurso utilizado pelo autor para narrar os eventos não difere daquele moldado pela historiografia clássica sobre o Contestado. Quanto à presença das mulheres dentro desta obra, podemos dizer que ela segue os mesmos padrões encontrados na obra de Dermeval Peixoto, as únicas mulheres citadas nominalmente são Teodora (CONCEIÇÃO, 2012, p. 40) e Maria Rosa (CONCEIÇÃO, 2012, p. 61). Um momento que podemos destacar da obra para exemplificar a presença das mulheres no conflito armado encontra-se na sequência que narra uma das investidas do Coronel Estillac Leal contra a população local, em que o autor coloca as mulheres em posição de ação efetiva (Anexo 1). Excetuando-se este momento, e a figura das virgens (Teodora e Maria Rosa), as demais mulheres da obra são representadas de forma passiva, sofrendo ações determinadas pelas circunstâncias, seja nas invasões das cidades santas pelo exército, seja nos momentos em que se rendem nas vilas (Anexo 2 e 3).

Também lançado em 2012 mas com um formato mais voltado às salas de aula, temos o livro escrito por Jakzam Kaiser e ilustrado por Alexandre Beck *Guerra do Contestado – A revolta dos caboclos no sertão catarinense*. Este livro, que teve sua segunda edição lançada em 2014 conta com uma revisão histórica realizada pelo professor Nilson Thomé e com uma série de mapas bastante ricos que auxiliam muito no entendimento da narrativa proposta, produzidos por Renata Hinnig. O livro de 64 páginas se subdivide em um prólogo e quatro capítulos, sendo esses: Guerra do Contestado: um século depois, Ocupação do território, Causas econômicas e sociais, O sertão em guerra e Tempos de paz e prosperidade, além de contar com uma sessão de Referências que lista as obras pesquisadas para a elaboração do mesmo.

Analisando a estrutura proposta pelo autor e o seu discurso, percebe-se uma influência bastante grande das primeiras historiografias do Contestado. No início da obra temos a seguinte citação:

Milhares de caboclos expulsos de suas terras, ignorantes, supersticiosos e corroídos pelo sentimento de injustiça, ingressaram nas fileiras do “Exército Encantado de São Sebastião”. Sem nada a perder e immanados pela crença comum na ressurreição do monge, lutavam com ferocidade, sem temer a morte. (KAISER, 2014, p. 7)

Nos últimos anos as pesquisas sobre o Contestado têm buscado superar a visão estereotipada imposta às populações participantes do movimento tanto pelos jornais que noticiavam os eventos à sua época, quanto pela obra dos historiadores de farda e também dos primeiros trabalhos sociológicos e dos primeiros romances. A utilização de termos como “ignorantes” e “fanáticos” para se referir aos participantes e o termo militar “reduto” para se referir às suas vilas já vem sendo reconsiderada a algum tempo pela recente historiografia¹⁹.

Apesar disso, o livro de Jakzam traz um bom panorama sobre o território do Contestado, e não apenas sobre o conflito armado. Ele inicia sua narrativa falando sobre a ocupação deste território desde o período colonial (século XVI-XVIII) utilizando para tal mapas explicativos sobre o sistema das Capitanias Hereditárias, sobre os Sete Povos das Missões e também sobre os Peabirus²⁰ (KAISER, 2014, p. 10-11). Destaca-se a importante aparição das populações indígenas, que são, muitas vezes, simplesmente esquecidas nas obras que versam sobre o Contestado. Aproveitando as discussões acerca da ocupação do território o autor segue a narrativa falando sobre a movimentação das tropas e a criação das províncias de Santa Catarina e posteriormente do Paraná, adentrando assim no tópico sobre as disputas provinciais em relação ao território.

¹⁹ Como bem demonstra o texto de abertura do livro “Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)” lançado após o Simpósio Nacional do Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura do Brasil Meridional, 1912 – 2012, e que reúne textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas instituições do país. (Referência completa ao final do texto)

²⁰ “Desde muito antes do Descobrimento, havia caminhos que ligavam o litoral aos Andes, chamados pelos indígenas de Peabirus. Em território brasileiro, o tronco principal ligava o litoral de São Paulo aos Andes, cruzando o interior do continente. Um emaranhado de caminhos secundários interligava outras localidades, e alguns deles começavam (ou terminavam) nos atuais estados de Santa Catarina e do Paraná. (KAISER, 2014, p. 11)

Rompendo minimamente com a lógica cronológica são então expostas as causas econômicas do conflito, sendo estas a chegada da estrada de ferro e a instalação das madeireiras e, só depois, é listada a causa social, que se restringe à religiosidade do povo. O autor mantém o texto nos debates sobre as figuras dos monges, a primeira formação no Taquaruçu, a ida de José Maria para o Irani e a primeira batalha ocorrida lá. A partir daí inicia-se o terceiro capítulo que narra ano a ano os episódios do conflito armado, desde o primeiro ataque à cidade santa de Taquaruçu em 1913 até o arrasamento de Santa Maria em 1915. É necessário mencionar que em dois momentos distintos utilizam-se as fotografias de época para ilustrar a obra, em um primeiro momento destacam-se a construção da estrada de ferro e a serraria da Lumber (KAISER, 2014, p. 34-35) e, em um segundo momento, apresentam-se as imagens do exército, dos vaqueanos, da população local quando “capturada” e da assinatura do Tratado de Limites (KAISER, 2014, p. 48-49).

A última parte do texto narra os tempos de paz e prosperidade que a região vivenciou após a assinatura do tratado de limites em 1916, principalmente com a chegada dos imigrantes italianos e alemães vindos das colônias do Rio Grande do Sul. “Enfim, o território começava a ser ocupado e integrado ao estado” (KAISER, 2014, p. 52). Na visão do autor, a região do Contestado só se desenvolve e se integra à dinâmica econômica dos estados quando os imigrantes se estabelecem nela, ele não leva em consideração a população que já vivia na região e que continua sendo espoliada de suas terras e de seus modos de viver, o autor também não faz menção à perseguição sofrida pelos caboclos e caboclas nos anos que se seguiram à assinatura do Tratado de Limites. É como se o acordo entre os estados realmente pusesse fim a todos os problemas vivenciados na região do Contestado e como se nenhum deles tivesse reminiscências nela nos dias de hoje. Àqueles que lerem esta obra sem conhecer a região da qual ela fala podem acreditar, inclusive, que ela é totalmente desenvolvida e estável economicamente, o que não é verdade, visto que as regiões do Planalto Norte Catarinense e do Sul Paranaense estão entre os mais pobres de ambos os estados²¹.

²¹ Sobre os fatores econômicos da região e os índices de desenvolvimento humano: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,contestado-a-regiao-nordeste-de-santa-catarina,834528> e <http://www.vvale.com.br/politica/regiao-sul-do-parana-continua-pobre-mostra-idh/> (Acesso em 29 set. 2016)

Com relação às mulheres, aparecem na obra apenas nove menções a elas, sendo que destas, cinco se referem nominalmente à Maria Rosa (KAISER, 2014, p. 40, 41, 43, 44 e 47), duas fazem referência as mulheres enquanto componentes da massa populacional envolvida no conflito armado (KAISER, 2014, p. 6 e 40), uma direciona-se às curas atribuídas a José Maria (KAISER, 2014, p. 27) e uma fala da importância das virgens durante a formação da cidade santa de Taquaruçu: “As mulheres ganharam relevo na comunidade, em especial as virgens – segundo o monge, estas tinham poder de vidência”. (KAISER, 2014, p. 30)

Porém, no que concerne às ilustrações de Alexandre Beck, a presença das mulheres fica um pouco mais evidente, desde a capa em que aparecem Maria Rosa em posição de comandando e uma cabocla empunhando uma arma (Anexo 4) e no decorrer do livro em que elas aparecem mais treze vezes.

Apesar de não destacado em nenhum local da obra, fica evidente não apenas pelo projeto gráfico e pelas ilustrações, mas também pela dinâmica proposta pelo autor que este livro se destina a um público bastante jovem. Se pensarmos na atual estrutura educacional brasileira, podemos afirmar que o mesmo destinar-se-ia às séries finais do Ensino Fundamental ou mesmo ao Ensino Médio, visto que apesar do texto ser em geral de fácil entendimento ele é longo, o que demandaria um trabalho específico de recortes das temáticas em caso de utilização do mesmo para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Com uma dinâmica mais voltada para a utilização nas aulas de História das séries iniciais analisaremos o livro escrito pelas professoras Soeli Regina Lima e Marli Antunes, ilustrado por Agostinho Kryszyszyn e Felipe Diogo Alves Leite, *A Guerra do Contestado em sala de aula*, lançado em 2010. A proposta deste livro é justamente suprir a falta de material escrito para as crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental com relação ao Contestado. Lima destaca nas Palavras Iniciais da obra que

A produção literária focaliza três perspectivas: a primeira, é com a produção do conhecimento acerca da Guerra do Contestado, através da literatura infantil; a segunda, articulada com a primeira, volta-se ao trabalho com a memória histórica, como agente construtor de identidades. Com base nesses dois momentos, tem-se uma terceira, que dá ênfase às diferentes possibilidades do trabalho pedagógico. (LIMA; ANTUNES, 2010, p. II)

Desta forma, já desde o início do livro temos uma ideia bem clara da proposta elaborada pelas autoras, o que ajuda a compreender a própria narrativa, que se passa em grande parte dentro de uma sala de aula do município de Três Barras (SC), e se desenvolve através dos diálogos entre a professora, que conta a história da Guerra do Contestado, e das/dos alunas/alunos, que não apenas participam das aulas enquanto ouvintes, mas que elaboram pesquisas e apresentam trabalhos sobre a temática. Com relação à ilustração, deixa-se claro, já de início também, que “As imagens reforçam o texto escrito. São figuras criadas do imaginário que estão intimamente associadas ao texto com o objetivo de ilustrar a narrativa” (LIMA; ANTUNES, 2010, p. III), por este motivo não nos deteremos a elas.

É interessante perceber como este material pode também ser lido como um guia de como trabalhar a temática utilizando-se de diferentes elementos disponíveis na região e nas escolas, e não apenas através dos textos que podem ser encontrados nos livros didáticos. A Professora que conduz a narrativa utiliza-se de diferentes recursos para ensinar, assim como as/os estudantes para aprender, seja a conversa com as pessoas mais velhas (avós e avôs) (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 7), os monumentos existentes (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 10), pelas pesquisas que podem ser desenvolvidas utilizando-se da internet (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 15), na elaboração e apresentação de materiais às/aos colegas (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 16-33), ou na articulação dos conhecimentos através da construção de outras narrativas escritas (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 34-35), as narrativas cinematográficas, com destaque para o filme *Guerra dos Pelados* (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 39), as saídas à campo, como visitas a museus e locais de preservação do patrimônio (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 40-41) e também a utilização de músicas (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 42). Enfim, verifica-se um extensivo rol de possibilidades para o ensino-aprendizagem no transcorrer da leitura da obra.

Em relação à narrativa proposta pelas autoras, percebemos, assim como nas duas obras já citadas, que há também nesta uma estrutura essencial no que se refere ao encadeamento dos eventos sobre o movimento do Contestado. Seguindo a lógica cronológica, Lima e Antunes expõem os principais acontecimentos nesta ordem: estrada de ferro – espoliação de terras – instalação da madeireira – presença dos monges – formação da comunidade em Taquaruçu – luta no Irani – formação das cidades santas – instalação das lideranças religiosas – o desenrolar do conflito – a liderança de Adeodato – assinatura do Tratado de Limites. Também se percebe a

influência das obras clássicas sobre o Contestado na escolha dos termos utilizados em relação às personagens e localidades, “reduto” é utilizado para se referir às cidades santas, assim como “fanático” é utilizado para referir-se às seguidoras e aos seguidores dos monges.

As mulheres aparecem na narrativa através das falas das personagens, alunas e alunos que apresentam suas pesquisas às/aos colegas e nas falas da Professora. Elas são citadas dez vezes no livro, estas citações fazem referência às lideranças, Maria Rosa, Teodora e a figura de Chica Pelega, às curas atribuídas a José Maria e, quando questionada sobre o final do conflito, a Professora responde ao aluno Ronaldo:

– Sim, após grandes investidas do exército, eles foram se entregando pela fome, pelo cansaço. A cada dia que passava, maior era a fome. Conta a história que crianças famintas devoravam qualquer resto de alimentos. Mastigavam tudo o que fosse de couro. As epidemias começaram a aparecer, e dezenas de pessoas morriam diariamente. Os mais fracos eram eliminados com a morte. As mulheres, crianças e doentes eram expulsos dos redutos. (LIMA; ANTUNES, 2010, p. 36 - grifo nosso)

Apesar da linguagem acessível e da interessante dinâmica proposta pelo livro de Lima e Antunes ele ainda é balizado por uma historiografia clássica (militar e sociológica), assim como o mais recente lançamento sobre o Contestado voltado ao público infantil, o livro *Conte o Estado – A guerra do Contestado*, de Alexandre Farber Sucharski e Rafael Farber Sucharski, lançado no primeiro semestre de 2015, que também segue os moldes das narrativas já exemplificadas e analisadas neste tópico, sendo esses a narração do conflito como um “todo” – da chegada da ferrovia em 1912 à assinatura do Tratado de Limites em 1916.

Ainda que mantenha uma cronologia ampla, o livro dos irmãos Sucharski possui grandes diferenças em relação às obras analisadas até agora. Ele contém uma abordagem visual bastante contemporânea, com ilustrações que parecem ser inspiradas nos *mangás* japoneses (Anexo 5), além de ter uma linguagem direta e concisa. Ao total, o livro possui 25 páginas que englobam o texto literário, uma sessão de curiosidades, uma explicação sobre quem são os monges e um glossário. Uma das diferenças mais notáveis na comparação desta obra com as anteriores é a utilização de termos amplamente utilizados pela atual historiografia do Movimento do Contestado, como por exemplo, para referirem-se à população envolvida no conflito utilizam-se do termo “sertanejos” em diversos momentos do texto e, em nenhum local

referem-se a essas populações como “fanáticas”, além disso, empregam a denominação “quadros santos” quando falam das vilas sertanejas, para além do já comum uso do termo reduto, o que mostra a utilização de um referencial mais recente como fonte de pesquisa para a construção da narrativa histórica da obra. (SUCHARSKI; SUCHARSKI, 2015)

Outro ponto de destaque, e que diferencia esta obra das demais, é a forma como os personagens do Contestado são apresentados. Os sertanejos são colocados em posição de destaque e são expostos os mandos e desmandos dos poderosos da região e a presença, e importância, do capital internacional para o desenrolar dos acontecimentos. As mulheres aparecem poucas vezes, são representadas pela virgem Maria Rosa e por Chica Pelega, porém, os autores destacam a importância da presença das mesmas no conflito. (SUCHARSKI; SUCHARSKI, 2015, p. 9-10)

Em algumas passagens da narrativa nota-se a percepção dos autores em relação à importância do conflito para a atual conjuntura da região contestada, quando eles escrevem que “Os poderosos abafaram o sonho daqueles que lutavam por um pedaço de terra para plantar, criar seus animais, e manter sua família, mudando completamente o rumo da história da região do Contestado” (SUCHARSKI; SUCHARSKI, 2015, p. 8) abrem a narrativa para interpretações que podem ser aprofundadas pelos leitores, e acionam questionamentos mesmo naqueles que não possuem um conhecimento aprofundado sobre a temática, como por exemplo, quais seriam as histórias da região contestada se as ações tomadas fossem outras?

A conclusão da narrativa merece também um destaque especial, os autores reafirmam as posições já demonstradas no decorrer do texto, mas são emblemáticos

A questão do Contestado ainda não terminou, ela está presente nos dias atuais. Os descendentes do homem da região contestada ainda clamam por um pedaço de terra, emprego, saúde, educação e riquezas naturais.

Enfim, eles clamam por tudo aquilo que proporcione o mínimo de dignidade de vida. O estado tem uma dívida com a região e com aqueles que vivem na área explorada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. (SUCHARSKI; SUCHARSKI, 2015, p. 22)

Este posicionamento vai de encontro aos atuais debates sobre o Contestado feitos não apenas no âmbito da historiografia, mas também em diversas outras áreas, como bem demonstra o livro “Contestado: Fronteiras, colonização e conflitos (1912 –

2014)²² ” que contém os textos apresentados durante o II Simpósio Nacional sobre o Centenário do Movimento do Contestado, realizado em 2014 e que abrange discussões geográficas, sociológicas, legais, antropológicas, entre outras, que versam sobre as atuais realidades vivenciadas pelas populações desta região.

Há que se destacar que existem aspectos importantes relacionados à distribuição e circulação dos dois últimos livros citados. A obra de Soeli Lima e Marli Antunes foi distribuída apenas no município de Três Barras (SC) e em algumas bibliotecas da região, enquanto que o livro dos irmãos Sucharski foi lançado em Porto União (SC) e foi distribuído nas redes de ensino daquela cidade e da cidade vizinha de União da Vitória (PR), portanto não alcançam um público extenso, como no caso das duas primeiras obras citadas, de Conceição e Kaiser, que foram distribuídas pelo governo de Santa Catarina às escolas da rede estadual.

O que se percebe na análise das obras selecionadas é a presença massiva de uma historiografia que nos atuais debates sobre o Movimento do Contestado tem-se tentado modificar, com exceção do livro escrito por Alexandre e Rafael Farber Sucharski. As pesquisas que tentam expor visões menos estereotipadas e negativas em relação à população da região do Contestado ainda não foram acessadas pelos autores das obras que, em certa medida, alcançam maior número de leitores, sendo estas, as de caráter literário com ampla distribuição. É chegado o momento portanto de não apenas discutir-se o Contestado em sua multiplicidade dentro das academias de ciências humanas e sociais, mas também de divulgar essa multiplicidade de sujeitos e interpretações, a fim de que novas obras literárias tomem estes estudos recentes sobre ele como base, assim como é de suma importância que se pensem dentro das universidades e nas pesquisas em História, especificamente, as formas como o Movimento do Contestado é ensinado, não apenas em escala local ou regional, mas também em nível nacional.

²² VALENTINI, Delmir José; RODRIGUES, Rogério Rosa (Orgs.) **Contestado: fronteiras, colonização e conflitos (1912-2014)**. Porto Alegre: Letra&Vida; Chapecó: Ed. UFFS, 2015.

3 HISTÓRIA E LITERATURA

Percebendo a escassez de materiais disponíveis aos leitores jovens sobre o movimento do Contestado, é necessário que pensemos no desenvolvimento e produção dos mesmos, para que possam visibilizar não apenas o próprio Contestado, mas também, e principalmente, as pessoas que participaram dele. A literatura infantil já provou ser um caminho profícuo no ensino e divulgação da História. Já existem diversas obras deste gênero literário que tratam diretamente sobre temáticas históricas²³ ou que podem ser trabalhadas dentro do contexto da disciplina pensando o desenvolvimento de conceitos históricos junto aos alunos²⁴, por exemplo.

Essas narrativas literárias que são endereçadas as crianças, fruto que são deste tempo histórico de acelerado desenvolvimento tecnológico, juntamente com as demais produções visuais, textuais e fontes orais, podem constituir uma rica base de significações das experiências humanas em seus diversos tempos e espaços. São, portanto, inspiração para reflexões não apenas da formação das novas gerações, mas do ensino de história para as mesmas. Pensar na leitura como formação, demanda pensa-la como uma atividade que se relaciona diretamente com a subjetividade do leitor, afinal, a leitura nos forma, nos constitui, nos põe em contato com aquilo que somos, desta forma, a leitura literária quando entrelaçada com as narrativas históricas deixa de ser apenas uma via de adquirir conhecimentos e passa a ser uma atividade que se relaciona com aquilo que nos faz ser o que somos. (ZAMBONI & FONSECA, 2010)

3.1 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A LITERATURA INFANTIL

A narrativa literária elaborada como dispositivo didático neste trabalho de mestrado enquadra-se no gênero da literatura infantil, ou, pelo menos, foi pensado como tal. Um dos caminhos tomados pela pesquisa, quando da decisão de se construir o trabalho desta forma, foi compreender minimamente como surgiu e como se estabeleceu no Brasil esse gênero literário.

²³ “Uma Amizade (Im) possível – As aventuras de Pedro e Aukê no Brasil colonial” da historiadora Lilian Moritz Schwarcz. “Lampião e Maria Bonita – O rei e a rainha do cangaço” da escritora Lilians Iacocca. “Chico Rei” e “Zumbi dos Palmares” do escritor Renato Lima. São alguns exemplos.

²⁴ “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” de Mem Fox e “O tempo é feito de muitos tempos” de Murilo Cisalpino. Ambos estudados por Ernesta Zamboni e Selva Guimarães Fonseca no artigo “Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações”

Pois bem, há uma certa concordância entre as autoras consultadas quanto ao surgimento da literatura infantil, as primeiras publicações específicas para crianças começaram a surgir na Europa na primeira metade do século XVIII, antes disso o que existe são apenas histórias isoladas que posteriormente foram incorporadas como literatura adequada às crianças, é o caso das “Fábulas” de La Fontaine (editadas entre 1668 e 1694), das “As aventuras de Telêmaco” de Fénelon (lançadas em 1717) e dos “Contos da Mamãe Gansa” de Charles Perrault (publicado originalmente em 1697). É este último que realmente dá início a um primeiro momento de publicações voltadas às crianças na França, e é sobre ele que recai também a predileção dos contos de fadas como preferência primeira nas produções de literatura infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985; MEIRELES, 1979)

Esse gênero literário se estabelece no momento em que a própria infância começa realmente a figurar nas discussões sociais. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1985) destacam que é a partir do período de revolução industrial no século XVIII que há o surgimento de uma preocupação maior com a definição da infância e da figura da criança. Ela começa a ter um novo papel social, o que motiva o surgimento que objetos industrializados e culturais voltados especificamente a elas (os brinquedos e os livros respectivamente), da mesma forma surgem ramos específicos da ciência preocupados com essa faixa etária (a psicologia infantil, a pedagogia e a pediatria). Neste contexto surge também a escola enquanto instituição, que passa a ser uma atividade compulsória às crianças, e local onde a Literatura Infantil vai encontrar um terreno fértil para desenvolver-se em uma simbiose que ainda perdura (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985; CUNHA, 1985).

Apesar de surgir na França, é na Inglaterra industrial que o gênero vai ampliar-se, visto que há naquele país um amplo mercado produtor e consumidor. Após o grande sucesso dos contos de fada de Perrault, somam-se a ele as adaptações de livros já clássicos como “Robinson Crusoé” de Daniel Defoe (1719) e “Viagens de Gulliver” de Jonathan Swift (1726). No século XIX vão surgir algumas das histórias infantis mais reproduzidas até os dias de hoje, são os contos editados pelos irmãos Grimm em 1812. Eles iniciam uma nova era marcada por publicações que se tornaram grandes clássicos do gênero e que demarcaram as suas principais linhas de ação:

[...] em primeiro lugar, a predileção por histórias fantásticas, modelo adotado sucessivamente por Hans Christian Andersen, nos seus *Contos* (1833), Lewis Carroll, em *Alice no país das maravilhas* (1863), Collodi, em *Pinóquio* (1883) e James Barrie, em *Peter Pan* (1911), entre os mais célebres. Ou então por histórias de aventuras, transcorridas em espaços exóticos, de preferência, e

comandadas por jovens audazes; eis a fórmula de Jamens Fenimore Cooper, em *O último dos moicanos* (1826), Jules Verne, nos vários livros publicados a partir de 1863, ano de *Cinco semanas num balão*, Mark Twain, em *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), ou Robert Loius Stevenson, em *A ilha do tesouro* (1882). Por último a apresentação do cotidiano da criança, evitando a recorrência a acontecimentos fantásticos e procurando apresentar a vida diária como motivadora de ação e interesse, conforme precedem o Cônego von Schmid, em *Os ovos de Páscoa* (1816), a Condessa de Ségur, em *As meninas exemplares* (1857), Louise M. Allcoot, em *Mulherzinhas* (1869), Johanna Spiry, em *Heidi* (1881), e Edmond De Amicis em *Coração* (1886). (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 20-21)

São esses autores e autoras que estabelecem a literatura infantil como uma parcela importante da produção literária em sua época, dão a ela consistência e definem seu perfil, garantindo a sua propagação. Quando, por fim, começam-se a editar livros para crianças no Brasil, em fins do século XIX e início do século XX, na Europa o gênero já estava estabelecido.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1985) e Cunha (1985) pode-se considerar como um primeiro passo da Literatura Infantil brasileira as publicações da tradução de “As aventuras pasmosas do célebre Barão de Munkausen” (1808) e da coletânea de José Saturnino da Costa Pereira “Leitura para meninos” (1818), porém, essa produção era esporádica e insuficiente para caracterizar uma produção literária. É somente após a proclamação da República e com a rápida urbanização do país, nas primeiras décadas do século XX, que finalmente inicia-se uma produção própria de literatura infantil brasileira. Há que se destacar que nas últimas décadas do século XIX várias histórias e coletâneas foram traduzidas e publicadas principalmente por Carlos Jansen (Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusóé, As viagens de Gulliver a terras desconhecidas), Figueiredo Pimentel (Contos da carochinha) Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos pátrios) e Tales Andrade (Saudade). Entre as publicações inéditas podemos citar o livro de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira “Contos infantis” de 1886, como um dos precursores do gênero no Brasil.

Se no primeiro momento das publicações elas foram voltadas ao ensino e ao letramento das crianças, no início do século passado os livros passaram a ter um caráter nacionalista que marcou profundamente o gênero no país. As histórias tentam retratar a nação, seus habitantes e suas riquezas, embaladas também pelo movimento modernista que domina as artes brasileiras a partir da Semana de 1922. É no ano de 1921 que se publica uma das principais obras da Literatura Infantil de nosso país, “Narizinho Arrebitado (Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias)” de Monteiro Lobato. É com esta obra que Lobato inicia sua trajetória de

escrita, editoração e publicação para o público infantil que vai se encerrar no Brasil com a publicação em 1944 de “Os doze trabalhos de Hércules”.

Entre estes dois limites cronológicos, 1920-1945, toma corpo a produção literária para crianças, aumentando o número de obras, o volume das edições, bem como o interesse das editoras, algumas delas, como a Melhoramentos e a Editora do Brasil, dedicadas quase que exclusivamente ao mercado constituído pela infância. E, se Lobato abre o período com um best-seller, o sucesso não o abandona; nem a ele nem ao gênero a que se consagra, o que suscita a adesão dos colegas de ofício, a maior parte originária da recente geração modernista. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 46)

É durante as décadas de 1930 e 1940 que vários escritores brasileiros já consagrados voltam-se também para a produção de livros infantis, Érico Veríssimo e Graciliano Ramos são dois exemplos entre muitos. Neste período, que é considerado o segundo do gênero no país, podem-se destacar como características, um predomínio das paisagens rurais como cenário da ação, a fixação de um elenco que se repete em diferentes publicações, a utilização de um acervo já consolidado como fonte, seja ele de clássicos que foram traduzidos ou adaptados, seja da tradição oral folclórica brasileira e a forte influência do movimento Modernista (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985; ALBINO, 2010).

A terceira fase da literatura infantil brasileira se estabelece entre os anos de 1940 e 1960. Em comparação com sua predecessora, porém, ela não obtém muito destaque, e algumas autoras chegam a afirmar que ela representa uma lacuna qualitativa no gênero, apesar de ainda ser quantitativamente importante. Ela se sujeita as condições impostas pelo mercado editorial, o que, apesar de não ser tão positivo para a melhora na qualidade dos textos, faz com que o investimento nessas publicações aumente e se solidifique. (ALBINO, 2010; LAJOLO; ZILBERMAN, 1985)

Após a década de 1970 o panorama muda, motivado pelas reformas educacionais que obrigam a adoção de livros de autores brasileiros e da expansão da visão da literatura como um produto cultural o mercado editorial do gênero se amplia e se fortalece ainda mais. Surgem a partir daí autoras e autores consagrados, inclusive internacionalmente, alguns exemplos são: Ziraldo, Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Lygia Bojunga. Nos últimos 30 anos a produção de livros para crianças e jovens no Brasil tornou-se o gênero de literatura mais reconhecido no exterior e de maior sucesso entre os leitores do país, seja pela qualidade inegável das narrativas, seja pela excelente produção gráfica das obras.

Não é por acaso, portanto, que o país tenha recebido por três vezes o prêmio Hans Christian Andersen, maior premiação internacional do gênero. As ganhadoras na categoria escritores são as autoras Lygia Bojunga (1982) e Ana Maria Machado (2000), já na categoria ilustração o ganhador foi Roger Melo (2014). Isso mostra a força da Literatura Infantil Brasileira. (LAJOLO, 2016; MARTHA, 2016; ZILBERMAN, 2016)

Pensando no futuro deste gênero literário e no seu confronto com as novas tecnologias e suportes, tanto Regina Zilberman (2016) quanto Alice Áurea Penteado Martha (2016) são categóricas em afirmar que a Literatura Infantil não apenas adaptou-se muito bem ao uso dos novos suportes e a interatividade que eles pressupõem, mas também valeu-se das inovações técnicas na própria produção dos livros, que passaram a ser verdadeiras obras de arte e objetos de desejo para as/os leitoras/leitores, proporcionando a estes diferentes formas de interação com o texto e a ilustração.

3.2 LITERATURA, HISTÓRIA E APRENDIZADO

A leitura literária que não apenas é entrecruzada de narrativas históricas, mas que se torna por si só uma nova narrativa pode ser uma ferramenta para que se aprenda a pensar historicamente e a exercer esse conhecimento sobre o passado, visto que essas duas ações são também meios que possuímos de conhecermos a nós mesmos. Desta forma, é sobre nós enquanto docentes da História que recai a tarefa de pensar os meios pelos quais nossas crianças podem aprender a articular os conhecimentos sobre o passado com a sua realidade. Pensar esta articulação presente-passado-presente, e as formas como utilizamos e reutilizamos o passado para responder a demandas do nosso cotidiano devem ser vetores no desenvolvimento das diferentes maneiras de ensinar (ASSIS, 2014).

Quando pensamos no ensino de História muitas vezes ficamos ainda presos às dinâmicas às quais estamos habituados, a professora ou professor trabalhando com um conteúdo pré-determinado e utilizando-se de aulas expositivas, ligadas e regidas pelos livros didáticos. Apesar de não estarem ultrapassadas, estas dinâmicas estão sendo aos poucos alteradas e outros métodos e técnicas de ensino vêm sendo utilizados. Aulas baseadas em músicas, teatros, filmes, entre outros já não são novidade no campo da História.

Quando se pensou, portanto, na construção de um livro de literatura infantil sobre o Movimento do Contestado buscou-se complementar as carências encontradas, não apenas no mercado editorial, mas, principalmente, nas escolas, que muitas vezes não dispõem de materiais disponíveis para trabalhar com esta parte essencial da História nacional. Da mesma forma, podemos perceber que, muitas vezes, a história deste movimento sociocultural é sumariamente esquecida, seja pela falta de materiais que possibilitem ou facilitem as discussões acerca do mesmo, ou pela falta de formação das/dos profissionais que atuam nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental.

Outro ponto a ser levado em consideração é o fato de ter-se mantido por muito tempo um silenciamento público em relação ao Movimento do Contestado.

Desde o final da guerra até a década de 1980, esse assunto não foi objeto da atenção pública, embora já houvesse uma farta produção de militares e acadêmicos sobre o tema. A partir dos anos 1980, como parte do processo de redemocratização do país, o conflito do Contestado passou, de distintas maneiras, a ser lembrado por movimentos sociais, órgãos de Estado e pesquisadores acadêmicos. No entanto, boa parte da população descendente dos seguidores do monge José Maria ainda apresenta uma memória de guerra fortemente impactada pela versão dos vencedores e pelos ressentimentos do olvido público. Um acontecimento não lembrado é quase algo não acontecido. A vergonha da derrota mistura-se com a sensação de irrelevância pública de uma experiência trágica presenciada. Por outro lado, o esquecimento pode ser apenas uma forma de readaptação à vida (...). As pessoas não podem viver o tempo todo se lembrando de tudo. (MACHADO, 2011, p. 178)

Evidenciar a história deste conflito e das suas personagens, mesmo aquelas que por ventura não tiveram seus nomes e feitos registrados pelos cronistas e jornais da época, ou que não figuram no rol já concebido de personagens de destaque, que são citadas nas pesquisas acadêmicas e obras literárias, é uma ação mais do que necessária para que, não somente a população descendente, mas também os demais habitantes da região onde se desenvolveu o conflito armado, e quem sabe sujeitos históricos contemporâneos independente de sua região de origem, sendo também herdeiras e herdeiros indiretos desse movimento, consigam apropriar-se das memórias desse momento e contextualizando-as possam sentir-se cada vez mais sujeitos da História.

A forma como se ensina sobre o Movimento do Contestado necessita ainda ser articulada com as pesquisas realizadas em âmbito acadêmico nos últimos 20 anos, é preciso que isso ocorra para que se supere o discurso simplista com que ele ainda é

muitas vezes trabalhado em sala de aula e, também, para que realmente se relegue ao mesmo a importância na formação social e cultural que possui. “Os horrores trazidos ao olhar histórico, têm de ser considerados como experiência, para que o absurdo que os caracteriza se converta num elemento positivo da motivação do agir. Dessa maneira, pode-se extrair sentido histórico mesmo das experiências mais absurdas[...]” (RÜSEN, 2011, p. 289). Considerar no âmbito do ensino as pesquisas recentes sobre este movimento é também uma forma de trazer ao olhar os horrores que podem ser considerados como experiência e motivação à ação, aos quais Jörn Rüsen se refere.

É necessário explicitar que, quando optamos por propor uma abordagem literária voltada às mulheres que usualmente não possuem destaque nas fontes e na historiografia, além da oportunidade de dar-lhes visibilidade, acreditamos ser possível construir personagens que sejam mais diretamente relacionáveis à realidade das crianças. Mãe, avó, irmã, prima, tia, vizinha, professora, essas mulheres “comuns” estão presentes na vida de todas e todos nós. Explorar personagens que se assemelhem a essas mulheres que permeiam a vida cotidiana é um caminho para a construção das consciências históricas, pois faz a necessária ponte passado-presente, um dos fatores relevantes para que o aprendizado histórico se concretize através da narrativa.

A narrativa histórica pode ser vista e descrita como essa operação mental constitutiva. Com ela, particularidade e processualidade da consciência da história podem ser explicitadas didaticamente e constituídas como uma determinada construção de sentido sobre a experiência do tempo. O aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem. (RÜSEN, 1994 Apud. RÜSEN, 2010, p. 43)

O aprendizado histórico através das narrativas da História só é concebido a partir de necessidades e de ações do presente que são perspectivadas no passado, que questionam este passado em busca de respostas.

Somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendizado e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana (RÜSEN, 2010, p. 44).

É através desta espécie de questionamentos que as experiências do passado podem ser apropriadas pelos sujeitos tornando-se conteúdo mental dos mesmos. Porém, apenas a apropriação destes conhecimentos não é o limite final, eles precisam ser formatados, tornados questionáveis, negociáveis, correlacionáveis aos demais, para que assim possam fazer parte dos discursos que formam as identidades históricas individuais e coletivas.

Construir narrativas históricas que incluam as mulheres é um meio de construir sentidos para suas ações, possibilitando assim que elas se tornem parte dos conhecimentos a serem assimilados e reinterpretados pelas/pelos estudantes na formação de suas identidades. “Tanto na literatura quanto na história, a narrativa é arte: arte de contar, de pensar, de troca entre sujeitos, de compartilhar experiências, situações que conheceram e/ou viveram” (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 341). Pensar a construção de uma narrativa histórica que seja trilhada nos caminhos da literatura infantil pode ser um novo passo na trajetória daquelas e daqueles que acreditam existirem trajetórias alternativas para a construção da ciência histórica acadêmica e da Didática da História enquanto campo de pesquisa.

Considerar as narrativas literárias como parte da elaboração dos conhecimentos históricos pode gerar as mudanças necessárias à formação das consciências históricas, visto que, como destaca Rüsen

A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não, ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso. A razão disso está no fato de que, nos atos da vida humana prática, há permanentemente situações que devem ser processadas, com as quais não se está satisfeito e com respeito às quais não se descansará enquanto não forem modificadas (RÜSEN, 2010, p. 78-79)

Em que medida, portanto, a literatura e a literatura infantil são também representações da sociedade na qual são produzidas? Válvulas de escape dos indivíduos não satisfeitos com as situações que os atingem cotidianamente? Em que medida elas podem ser utilizadas por estes indivíduos como um meio de construção e reelaboração dos seus conceitos históricos? Da sua consciência histórica? Todos estes questionamentos ainda levarão algum tempo para serem respondidos, se é que

serão. Porém, acreditamos firmemente que através da leitura de textos literários esses conceitos possam ser reelaborados, assim como as consciências históricas.

Os textos, histórico e literário, tem por função e responsabilidade tornar inteligíveis as heranças acumuladas e as discontinuidades que são fundadoras daquilo que somos. Percebe-se, desta forma, a grande importância que existe no diálogo constante entre a literatura e a história para a ampliação dos sentidos das palavras, para a ressignificação dos conceitos e valores, para o estímulo a imaginação de outras realidades, espaços e temporalidades, na construção de outras percepções do cotidiano e da história local, e para a construção e reconstrução das identidades. (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 341).

Pensar a literatura infantil em específico é um meio de explorar a interdisciplinaridade possível e desejável nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental. “Essas histórias permitem que a criança explore mundos distantes e conhecimentos complexos do seu próprio mundo. Auxiliam na aquisição simultânea do conhecer e estruturar o seu pensamento, colocando-as em contato com questões desafiadoras” (RIBEIRO; CASTRO; FILHO; 2014, p. 14). Segundo Fanny Abramovich (1994) “É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...” (p. 17). Desta forma mostra-se como um meio fértil para a construção de conceitos históricos junto às crianças, não apenas por seu aspecto lúdico, mas pela proximidade que pode construir entre a realidade vivenciada pelas crianças e a história narrada.

A narrativa literária intitulada “O dia em que viajei no tempo”, que surge como resultado final desta pesquisa de mestrado, almeja abranger alguns destes conceitos, que podem ser trabalhados pelas professoras e professores que por ventura venham a utilizar-se desta obra, e que embasaram a construção literária da narrativa, visto que ela surgiu como produto das discussões efetuadas no decorrer do curso e das leituras apresentadas, não apenas pelas disciplinas voltadas ao ensino da História, mas também, das discussões sobre o próprio Movimento do Contestado. Os conceitos que se destacam na narrativa são os de fato, sujeito e tempo histórico.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental fatos históricos podem ser eventos políticos, festas cívicas e ações de heróis nacionais, que podem ser apresentados de maneira isolada de seu contexto histórico, ou, eles podem ser “[...] entendidos como ações humanas significativas, escolhidas por professores e alunos, para análises de determinados momentos históricos. Podem

ser eventos que pertencem ao passado mais próximo ou distante, de caráter material ou mental, que destaquem mudanças ou permanências ocorridas na vida coletiva” (BRASIL, 1997, p. 29), como por exemplo as criações artísticas, os ritos religiosos, as técnicas de produção, o comportamento das pessoas, as independências políticas das populações.

A narrativa elaborada baseou-se em acontecimentos ocorridos durante o Movimento do Contestado, evento amplamente debatido pela historiografia brasileira. Porém, focou-se em fatos que envolvem a família das personagens centrais, vó Cecília e Mariana. São idas e vindas da família que tem como pano de fundo esses eventos históricos, são personagens ficcionais que se misturam com as personagens reais. Os fatos apresentados vão desde ritos religiosos praticados – como as festas e a crença em São João Maria, comuns na região –, a marcante chegada da ferrovia, a ação das populações locais durante o período do conflito armado, entre outros.

Esses fatos, quando narrados pela avó para a neta deixam de ser apenas acontecimentos históricos isolados da realidade da criança para tornarem-se parte integrante da história da sua família, portanto, também da sua história. Não apenas as crianças nascidas na região onde ocorreu o conflito armado podem identificar-se com a personagem central em sua jornada de conhecimento sobre a história da sua família, mas, da mesma forma, outras crianças podem perceber nos acontecimentos das suas regiões e da história de suas famílias os vestígios presentes e que antes passavam despercebidos. Desta maneira, a narrativa literária abre a discussão sobre os fatos históricos e integra os fatos familiares aos mesmos, ampliando assim a significação que os mesmos podem ter na vida dos leitores e no desenvolvimento de suas consciências históricas.

Os sujeitos da História, também segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, podem ser aqueles personagens que desempenharam ações individuais ou heroicas, que tenham poder de decisão política (reis, rainhas, presidentes, líderes), limitando o estudo da História ao destino de poucos personagens, a ações isoladas onde não se percebiam as ações coletivas. Ou então, eles podem ser entendidos “[...] como sendo os agentes de ação social, que se tornam significativos para estudos históricos escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais”. (BRASIL, 1997, p. 29)

Neste sentido, a elaboração da narrativa literária aqui analisada apresenta diversos sujeitos históricos diferentes entre si. Desde a figura dos monges e de

algumas lideranças do movimento, passando pelas ancestrais da vó Cecília e da menina Mariana, chegando até essas últimas. A elaboração da narrativa focou-se na ideia de apresentar a Mariana como os membros de sua família também podem ser vistos como sujeitos da história que é contada na escola e nos monumentos da cidade. Desta forma, fazendo com que ela se perceba como sujeito ativo da história.

Não apenas o encadeamento dos fatos selecionados corrobora com essa construção dos sujeitos, mas a própria escolha das personagens e da forma como são apresentadas. O foco nas mulheres comuns e na sua participação no desenrolar do movimento visou também a busca de uma identificação de Mariana e das/dos possíveis leitoras/leitores com as mesmas. A literatura infantil apesar das grandes mudanças que sofreu nas últimas décadas e da enorme variedade de publicações que possui hoje em dia, ainda é balizada por personagens que, muitas vezes, reforçam estereótipos em relação às mulheres, principalmente quando elas são as protagonistas (a princesa indefesa, a rainha má, a mãe carinhosa). Buscou-se, então, elaborar uma narrativa que apresentasse figuras positivas e diferenciadas, que fugissem dos estereótipos. Apesar das principais falas serem da avó Cecília para Mariana, transparecem pela narrativa as demais integrantes da família e as suas ações e reações aos acontecimentos, sendo assim, evidenciam-se diferentes sujeitos históricos.

Quanto ao tempo, os Parâmetros Curriculares nos dizem que ele pode ser limitado ao estudo do que conhecemos como tempo cronológico, o que prende a compreensão dos acontecimentos a uma data específica e os organiza em uma sequência uniforme, regular e acumulativa. Porém, ele também pode ser utilizado em suas complexidades e dimensões que vão sendo construídas pelas/pelos estudantes no decorrer de seu trajeto de estudos. Ele pode ser apreendido a partir das vivências pessoais, como no caso do tempo biológico (processos de crescimento e envelhecimento) e do tempo psicológico de cada um (nas ideias de sucessão e mudança). O documento ainda destaca que o conceito de tempo pode ser compreendido como um objeto da cultura na qual está inserido, como uma construção social dos povos (caso do tempo cronológico marcado por diferentes calendários) (BRASIL, 1997)

Se considerarmos que o tempo é uma das dimensões centrais da experiência humana, sendo, portanto, um dos principais conceitos a ser trabalhado e exercitado nos diferentes níveis do aprendizado histórico, um dos questionamentos no qual se

esbarra é o como ensinar às alunas e alunos uma forma de pensar historicamente tendo o tempo e as temporalidades como perspectiva. Da mesma forma, nos preocupamos em como elaborar uma narrativa que fosse permeada dessas temporalidades e que transparecesse as mesmas às/aos leitoras/leitores. Vemos como necessário que se estabeleça junto às crianças que

O tempo histórico não se limita ao tempo cronológico, à sucessão linear dos acontecimentos no tempo físico. As capacidades de ordenação, de sucessão, de duração, de simultaneidade e de quantificação do tempo necessárias para lidar com a temporalidade histórica não são suficientes para o seu alcance. O tempo histórico é produto das ações, relações e formas de pensar dos homens e essas ações variam ao longo do tempo cronológico. Em cada tempo histórico – ou em cada presente – coexistem relações de continuidade e de rupturas com o passado, bem como perspectivas diferenciadas do futuro. (SIMAN, 2005, p. 111)

Na narrativa literária elaborada a menina Mariana e sua avó conversam sobre o passado da família e sobre ações do presente, em vários momentos comparam ações e atitudes, nas tecnologias utilizadas lá e cá, nas brincadeiras, nas atividades realizadas pelos tataravós e bisavó e nas que as crianças realizam hoje. As diferentes gerações da família são mencionadas e passam a estabelecer a ideia de diferentes temporalidades junto as crianças, não apenas de um passado distante, mas de influências e reminiscências que são sentidas e vivenciadas por elas. A proposta de uma narrativa que fizesse um percurso de vai-e-vem entre o passado e o presente se justifica, portanto, na pretensão de construir pontes entre estes dois espaços temporais distintos, porém complementares, visto que analisamos o passado através das questões que o presente nos coloca, ao mesmo tempo em que devemos pensar no presente percebendo nele as rupturas e continuidades do passado.

Porém, não é possível abrir mão de uma determinada cronologia, visto que ela demarca os processos históricos e demonstra as mudanças e permanências existentes. O ensino de História nos primeiros anos deve estabelecer as pontes necessárias entre as crianças e o passado, o seu passado. Deve incentivá-las a questionar o presente de acordo com o aprendizado histórico que constroem. Também neste sentido a utilização de narrativas alternativas, como as da literatura infantil podem auxiliar, pois tornam mais direto o discurso histórico, através das aberturas possibilitadas pela ficção. Do mesmo modo que a relação estabelecida entre personagens conhecidas pelas crianças nas figuras de suas avós, mães e irmãos, é

possível pressupor que uma linearidade cronológica baseada nas vivências dessas crianças possa não só facilitar mas engrandecer a narrativa construída.

Na medida em que oferecemos às crianças oportunidades de tomada de consciência da historicidade de sua própria vida – e da de seu grupo de vivência – é que ela estará se iniciando no desenvolvimento do pensamento histórico e do desenvolvimento da formação da sua identidade sociocultural. Portanto, torna-se necessário partir da memória que as crianças guardam da sua própria existência e da memória social de seus grupos de referência para buscar, através dessas, promover as relações com a memória histórica de sua sociedade, em outros tempos e lugares. (SIMAN, 2005, p. 124)

Desta forma, buscamos estabelecer uma cronologia que se relacionasse com a vida e o histórico familiar de Mariana, sem, porém, elencar sistematicamente datas e fatos. No início do desenvolvimento do projeto havia-se pensado na elaboração de uma cronologia propriamente dita que seria inserida na parte final do livro, com o desenrolar da pesquisa percebeu-se, entretanto, que a elaboração de uma cronologia pré-determinada poderia restringir a interpretação por parte das/dos leitoras/leitores. Optamos, então, por não a inserir. Antoine Prost destaca em seu livro *Doze Lições Sobre a História* (2012) que “O vaivém permanente, entre passado e presente, assim como entre os diferentes momentos do passado, é a operação peculiar da história” (p. 104), sendo assim, é também a “operação peculiar” do Ensino de História. Construir junto com as crianças as bases dessas operações deve ser, indubitavelmente, um dos objetivos do ensino-aprendizagem em História, pois que é através deste aprendizado que se formam as identidades e consciências tão necessárias à vida humana. Deixar em aberto a perspectiva cronológica da narrativa literária é uma tentativa de incentivar as crianças a criarem a sua própria, elencando os fatos que acharem mais significativos para a compreensão de determinado evento ou fato histórico, instigando-as a desenvolverem seus aprendizados históricos.

Pensando nas múltiplas possibilidades de leitura do material produzido, juntamente como a intensão de torna-lo um incentivador na construção dos saberes históricos, elaboraram-se questões motivadoras que, tanto podem ser utilizadas por professoras e professores, quanto podem simplesmente indicar caminhos de pesquisa para as/os jovens leitoras/leitores, um exemplo delas é a que segue: “Quem eram os benzedores e as benzedoras do interior do Brasil? Será que ainda existem? Você conhece algum? E sua mãe ou seu pai?”. Como complementação a essas indagações organizou-se uma lista de indicações de materiais que podem ser pesquisados, desde

outros livros de Literatura, passando por reportagens de jornal, dossiês e vídeos disponíveis on-line. Cabe destacar que a busca por esse referencial, em especial o disponível na internet, priorizou indicações que devem permanecer disponíveis ainda por bastante tempo, reportagens de grandes jornais e revistas, vídeos de canais governamentais ou realizados exclusivamente para serem disponibilizados virtualmente.

Considerando que os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como sendo fundamentais para o saber histórico escolar os conceitos de fato, sujeito e tempo históricos (BRASIL, 1997, p. 29-30), podemos, portanto, encontrar possibilidades de utilização do material elaborado como um meio de desenvolvimento de todos os três, no sentido em que oportuniza possibilidades de discussões que podem envolver cada um destes conceitos de forma individual ou todos, de maneira coletiva. Ainda segundo este documento é necessário que o trabalho pedagógico leve em consideração a diversidade de materiais disponíveis que possam ser transformados “[...] em instrumentos de construção do saber histórico escolar” (BRASIL, 1997, p. 31) pois que

Ao se recuperar esses materiais, que são fontes potenciais para construção de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida, o saber histórico escolar desempenha um outro papel na vida local, sem significar que se pretende fazer do aluno um “pequeno historiador” capaz de escrever monografias, mas um observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço. (BRASIL, 1997)

Levar em consideração os textos literários na formação histórica das alunas e alunos do ensino básico é dar um passo importante na direção de um ensino mais abrangente e humano, visto que não apenas integra saberes advindos de outras áreas de conhecimento, mas também estimula as crianças a perceberem os diversos meios pelos quais esses saberes podem ser construídos, desta forma incentiva-os a perceber no mundo em que vivem novos caminhos e possibilidades, novos horizontes de expectativa frente a realidade na qual estão inseridos. “Em resumo, o passado é sempre muito mais do que uma superfície morta sobre a qual projetamos as nossas carências de sentido; quando convertido em história, o passado prolonga-se para dentro dos projetos de futuro impulsionadores do nosso agir e sofrer” (RÜSEN, 2011, p. 281).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se é criança e se vive em um local que possui vestígios aparentes de um movimento sociocultural tão importante quanto o Contestado, é inevitável que em algum momento você se interesse pelo assunto. Inexoravelmente a sua vida cruzará com algo que de alguma forma é herança ou negação deste momento histórico. Seja nos ditos populares, nas músicas que permeiam as festividades locais, nos pequenos e mal cuidados, porém existentes, museus, nos poçinhos de São João Maria que estão em todas as cidades, ou mesmo nos santinhos desse mesmo João Maria que, ano sim ano não, de alguma forma reaparecem sendo entregues por alguém que alcançou uma graça através das orações ao mesmo. O Contestado vive, sobrevive.

Conseguir, portanto, escrever sobre algo que se vivencia nem sempre é tarefa fácil, principalmente quando essa vivência nem sempre é positiva. Conhecer a história do Contestado a fundo não é o mesmo que perceber na pele as gritantes diferenças sociais que ainda perpassam a região do conflito, as caboclas e caboclos tiveram e continuam a ter suas terras e sua história tomadas por outros, sejam os mandões políticos locais, que não mudaram tanto assim nos últimos cem anos, sejam os colonos de descendência europeia que chegaram à região comprando as terras da *Lumber Colonization Company*, antes do conflito armado e depois dele, e que até hoje são quase sempre retratados como os grandes “colonizadores” deste território. Perceber no cotidiano das salas de aula o silêncio no qual o Contestado foi envolvido, justamente por ter sido tão cruel com a população local, foi um dos grandes motivadores à realização deste trabalho.

Por ter nascido e crescido cercada das reminiscências desse movimento, ele sempre me foi próximo, sentimentalmente muito próximo. Não porque minha família estivesse envolvida diretamente com o mesmo, mas porque ele é a história da terra na qual nasci. Visitar o Taquaruçu de Cima e escutar as histórias do Seu Felisbino, de como a igreja onde as mulheres e crianças estavam escondidas foi bombardeada pelo exército, ver no museu (que na época era um anexo do salão da igreja) os cascos dessas mesmas bombas ao lado das espadas de madeira usadas pelos caboclos e depois disso ir explorar o cemitério que ficava logo ao lado, são algumas das memórias vívidas da minha infância, junto com as músicas que falavam da virgem Maria Rosa e das canções sobre Chica Pelega.

Porém, o tempo passou e numa bela noite eu me deparei com meus alunos e alunas no terceiro ano do Ensino Médio, que nasceram e cresceram em uma cidade que só existe como é pela chegada da estrada de ferro, que carrega em seu nome uma herança direta do conflito armado, que possui a menos de cinquenta metros da escola um pequeno monumento no local onde foi incendiada a estação ferroviária de São João de Cima, no caso o atual município de Matos Costa/SC. E ao contrário do que esperava, meus alunos e minhas alunas, apesar de conhecerem e vivenciarem culturalmente o Contestado, não se sentiam herdeiros do mesmo. Eles aprenderam sobre o conflito armado e sabiam minimamente o que havia acontecido na região, mas não percebiam de que forma esse evento, ocorrido tantos anos antes, ainda estava presente em suas vidas, não apenas nos monumentos e nomes, mas no seu cotidiano social, econômico e político. Eu, enquanto professora de História, falhei miseravelmente em mudar essa perspectiva dos mesmos à época. E essa falha foi outra grande motivadora na construção deste trabalho.

Perceber que minhas alunas e alunos não se sentiam sujeitos dessa história, me instigou a buscar entender porque isso ocorria. Seria a falta de material disponível sobre a temática nas escolas? Seria uma falha na formação das/dos profissionais que deveriam trabalhar com esse conteúdo em sala de aula? Seria o senso comum, construído e estabelecido nos cem anos que se passaram entre o conflito armado e os dias atuais, de que os caboclos eram ignorantes fanáticos que queriam derrubar o governo? Seria uma simples falta de vontade dos/das alunos/alunas em conhecer sua própria história? Essas muitas dúvidas foram as desencadeadoras desta pesquisa, que em fins não responde a nenhuma delas, mas que buscou abrir possibilidades para as respostas das mesmas.

Ensinar sobre o Movimento do Contestado não é tarefa fácil, ele é amplo e multifacetado. Não se pode falar apenas dos seus aspectos religiosos, nem somente dos aspectos econômicos e, certamente, não se podem mencionar unicamente os aspectos políticos, e isso tudo não seria problemático, porém, o tempo do qual dispomos para debate-lo em sala de aula nem sempre é o ideal. O atual currículo básico, tanto para o Ensino Médio quanto para o Ensino Fundamental, muitas vezes engessa o trabalho das/dos professoras/professores visto que limita principalmente o material didático que é disponibilizado às/aos alunas/alunos. A sobrecarga de trabalho e o pouco tempo disponível para o preparo das aulas, na maioria das vezes dificultam a organização por parte das/dos professoras/professores de atividades e leituras que

ultrapassem os disponíveis nos livros didáticos, e esses últimos pecam e muito em relação a história do Contestado.

Desta forma, buscou-se elaborar uma pesquisa que, ao mesmo tempo abrangesse parte das dificuldades enfrentadas em sala de aula, visto a carência de material disponível, mas que também pudesse servir de base para a concepção de novas formas de se aprender sobre a história do Movimento do Contestado. Como resultado final do processo de pesquisa alcançamos a proposição realizada, a criação de um livro de literatura infantil que possui como personagens de destaque as mulheres comuns, que poderiam ter vivido na cidade santa de Taquaruçu, e que tem como narradoras as suas descendentes. Este livro, que é realmente o foco principal da pesquisa realizada, não apenas buscou suprir algumas das carências ainda existentes na historiografia sobre o Contestado, visto que possui como foco as mulheres comuns, mas também, a escassez de produções voltadas para as crianças sobre o tema. Além disso, ainda podemos ressaltar o fato de que, mesmo cem anos depois da assinatura do Tratado de Limites, que politicamente pôs fim ao conflito armado, o Movimento do Contestado precisa, e muito, ser debatido, não apenas nas universidades, mas nas escolas.

Apesar da análise realizada sobre as possíveis utilizações do material produzido em sala de aula, e de suas potencialidades didáticas no aprendizado dos conceitos de fato, sujeito e tempo históricos, gostaria de destacar que a escolha pelo formato do material produzido não foi em vão. Apesar de ainda não fazer parte da realidade de muitas de nossas crianças, a literatura é uma das formas inventadas pelos seres humanos de transportar-se a outros tempos e espaços. Ela nos abre caminhos inimagináveis, ou, somente imagináveis. Ela não pode ser vista apenas como a ferramenta didática incrível que é, mas também como uma das formas de expandir as fronteiras do conhecimento que esperamos que nossas crianças e jovens desenvolvam. A literatura não deveria ser encarada apenas como uma fonte a ser analisada, ou como uma auxiliar no entendimento de um determinado assunto, mas sim como meio real e direto do aprendizado histórico. Enquanto o conhecimento construído pela historiografia continuar inerte nas academias, ou empoeirado nas bibliotecas, de muito pouca utilidade ele será para a sociedade que o cerca. A escrita literária é um dos possíveis caminhos de aproximação entre essas pesquisas, encarceradas em bibliotecas inacessíveis e as nossas crianças.

REFERÊNCIAS

FONTE

PEIXOTO, Dermeval (Criveláro Marcial) **A Campanha do Contestado: Episódios e Impressões**. Rio de Janeiro: Segundo Milheiro, 1920. Disponível em < <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/imagens/dossies/contestado/DERMEVALPeixoto.pdf> > Acesso em 29 set. 2016.

LITERATURA ANALISADA

CONCEIÇÃO, Eleutério Nicolau da. **Histórias de Santa Catarina – A Saga do Contestado**. Florianópolis: Ed. do Autor, 2012.

KAISER, Jakzam. **Guerra do Contestado – A revolta dos caboclos no sertão catarinense**. Ilustrações: Alexandre Beck. Revisão histórica: Nilson Thomé. Mapas e projeto gráfico: Renata Hinnig. 2ª Ed. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2014.

LIMA, Soeli Regina; ANTUNES, Marli. **A Guerra do Contestado em Sala de Aula**. Ilustrações: Agostinho Kryszyszyn e Felipe Diogo Alves Leite. Canoinhas (SC): Gráfica Diário do Planalto, 2010.

SUCHARSKI, Alexandre Farber; SUCHARSKI, Rafael Farber. **Conte o Estado – A guerra do Contestado**. Secretaria da Educação de Porto União; Secretaria da Educação de União da Vitória; UNC: 2015.

REFERÊNCIAS CITADAS NO TEXTO

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. Série Pensamento e Ação no Magistério. 4ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. 2010. Disponível em <http://www.iesp-rn.com.br/ftpiesp/DisciplinasPROISEP/M%F3dulo%205/LITERATURA%20INFANTO-JUVENIL/Texto%20%20-%20literatura_infantil%20no%20Brasil.pdf> Acesso em: 01. Out. 2016.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Prefácio – Dissonância e Anacronia. In: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó, SC: Argos, 2011. p. 07-15.

ASSIS, Arthur Alfaix. A didática da história de J. G. Droysen: constituição e atualidade. **Revista Tempo**, v. 20: 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/tem/v20/pt_1413-7704-tem-1980-542X-2014203609.pdf > Acesso em: 29 de set. de 2016.

BRASIL. MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília (DF): MEC/SEF, 1997.

CHARTIER, Roger. Prefácio. In: _____. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 7-16.

_____. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvio M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002. p. 9

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

ESPIG, Márcia Janete. Breve estudo sobre o Movimento do Contestado: A historiografia militar e o caso dos operários da EFSPRG. **Anos 90**, v. 14, n. 25. Porto Alegre: p.199-219, jul. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/5407/3064>>. Acesso em: 29 de set. de 2016.

GATO, Dante. Do romance histórico ao novo romance histórico: Paulo Setúbal e José Roberto Torero. **Revista Guairacá**. Nº 19. Guarapuava: Unicentro, 2003. p. 31-55.

IACOCCA, Liliana. **Lampião e Maria Bonita – O rei e a rainha do cangaço**. São Paulo: Ática, 2005.

LAJOLO, Marisa. Entrevista com Marisa Lajolo. **Ceale**, Belo Horizonte, 30 mar. 2016. Entrevista. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/entrevista-com-marisa-lajolo>>. Acesso em: 01 out. 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LAZARIN, Katiuscia Maria. **Fanáticos, Rebeldes e Caboclos - discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado. (1916-2003)**. Florianópolis: UFSC, 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____ **História e memória**. 5ª ed. Campinas (SP): UNICAMP, 2003.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra. Jatahy. (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Unicamp, 1998.

LIMA, Renato. **Chico Rei**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Zumbi dos Palmares. São Paulo: Paulus, 2009.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado. **Topoi**, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 178-186. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numero_atual/topoi22/topoi%2022%20-%20artigo%2010.pdf>. Acesso em: 29 de set. de 2016.

_____. **Lideranças do Contestado** - A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Entrevista com Alice Áurea Penteadó Martha. **Ceale**, Belo Horizonte, 31 de mar. de 2016. Entrevista. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/entrevista-com-alice-aurea-penteadó-martha.html>>. Acesso em: 01 de out. de 2016.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século** - um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

NIKITIUK, Sônia L. (Org.) **Repensando o Ensino de História**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção questões da nossa época; v. 35)

PROST, Antoine. Os tempos da história. In: _____. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 95-114.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social** – A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. 2ª edição. Ensaios, 23. São Paulo: Ática, 1977.

RIBEIRO, Lidiane de Jesus Santos; CASTRO, Eliziane Rocha; FILHO, Evandro Abreu Figueredo. Contributos da Literatura Infantil para a formação da criticidade da criança. **Littera Online**, nº 8, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/2672/693>>. Acesso em: 29 de set. de 2016.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Veredas de um grande sertão** - a Guerra do Contestado e a modernização do Exército brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2008. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/imagens/dossies/contestado/trabalhos/RODRIGUESRogérioRosa.pdf>>. Acesso em 29 de set. de 2016.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (Orgs). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 41 – 49

_____. **Razão histórica**: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. 1ª Reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

_____. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história. In: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó (SC): Argos, 2011. p. 259-290.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **Uma Amizade (Im) possível** – As aventuras de Pedro e Aukê no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

SIMAN, Lana Mara de Castro. A temporalidade Histórica como Categoria Central do Pensamento Histórico: Desafios para o Ensino e a Aprendizagem. In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta (Org.). **Quanto Tempo o Tempo Tem!** Educação, filosofia, psicologia, cinema, astronomia, psicanálise, história... 2ª ed. Campinas (SP): Editora Alínea, 2005. p. 109-143.

THOMÉ, Nilson. **O Contestado na Literatura e na Historiografia**. 2009. Disponível em: <<http://nilson-contestado.blogspot.com.br/2009/02/o-contestado-na-literatura-e-na.html>>. Acesso em: 29 de set. de 2016.

VALENTINI, Delmir José; RODRIGUES, Rogério Rosa (Orgs.) **Contestado**: fronteiras, colonização e conflitos (1912-2014). Porto Alegre: Letra&Vida; Chapecó: Ed. UFFS, 2015

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. Caderno Cedes, Campinas, vol. 30 n. 82, p.339-353, set.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n82/05.pdf>>. Acesso em: 29 de set. de 2016.

ZILBERMAN, Regina. Entrevista com Regina Zilberman. **Ceale**, Belo Horizonte, 30 mar. 2016. Entrevista. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/entrevista-com-regina-zilberman>>. Acesso em: 01 de out. de 2016.

REFERENCIAL UTILIZADO E NÃO CITADO NO TEXTO

CASASANTA, Tereza. **Criança e Literatura**. 4ª ed. Belo Horizonte: Editora Veja, 1974.

COOPER, Hilary. **Ensino de História na Educação Infantil e Anos Iniciais**: um guia para professores. Traduzido por Rita de Cássia K. Jankowski, Maria Auxiliadora M. S. Schimidt e Marcelo Fronza. Curitiba: Base Editorial, 2012.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. **Literatura Infantil Brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2ª ed. rev. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

OBRAS LITERÁRIAS ESCRITAS SOBRE O CONTESTADO

FORTES, Telmo. **Glória até o fim**: Espionagem militar na Guerra do Contestado. Florianópolis: Insular, 1998.

LEONARDOS, Stella. **Romanceiro do contestado**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

NASCIMENTO, Noel. **Casa verde**: guerra do Contestado. Curitiba: Beija-Flor, 1981.

OLIVEIRA, Fernando Osvaldo de. **O jagunço**. Um episódio da Guerra do Contestado. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1978.

OLIVEIRA NETO, Godofredo. **O bruxo do Contestado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996;

PRADI, Cirila de Menezes. **Chica-Pelega do Taquaruçu**. Florianópolis: IOESC, 2000;

SANTOS, Walmor. **Contestado** – A guerra dos equívocos: o poder da fé. vol. 1. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SASSI, Guido Wilmar. **Geração do deserto**. 5ª ed. Porto Alegre: Movimento, 2012.

SCHÜLER, Donaldo. **Império Caboclo**. 2ª Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; Porto Alegre: Ed. Movimento, 2004.

SILVA, Alcides Ribeiro J. da. **Os rebeldes brotam da terra**. São Paulo: FTD, 1995.

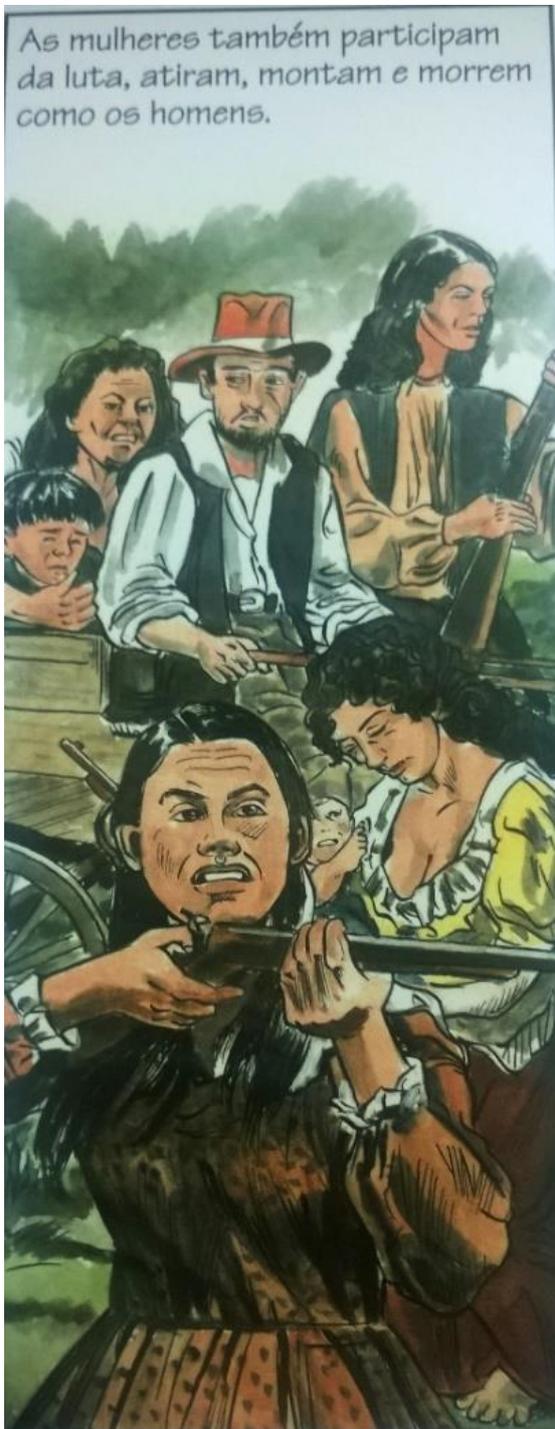
SOUZA, Frederecindo Marés de. **Eles não acreditavam na morte**: romance dos tempos dos fanáticos do Contestado. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1978.

VASCONCELLOS, Auro Sanford de. **O dragão vermelho do Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.

_____. **Chica Pelega a guerreira de Taquaruçu**. Florianópolis: Insular, 2000.

ANEXOS

1 – CONCEIÇÃO, 2012, p. 116





3 - CONCEIÇÃO, 2012, p 119.

O saldo do combate apresentou mais de quarenta mortos, inúmeros feridos, 78 prisioneiros e cerca de 80 mulheres e crianças.



4 – KAISER, J. 2014. Capa



5 – SUCHARSKI; SUCHARSKI, 2015, p. 2

